

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**LEONARDO ALVES COELHO**

**O AUDIOVISUAL PARA QUEM NÃO OUVI:**  
**A RELAÇÃO DOS SURDOS COM A TELEVISÃO E O CINEMA**

**UFRJ/CFCH/ECO**

**Rio de Janeiro**

**2008**

Leonardo Alves Coêlho

**O AUDIOVISUAL PARA QUEM NÃO OUVI:**  
a relação dos surdos com a televisão e o cinema

Monografia submetida à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilana Strozenberg

Rio de Janeiro

2008

C672 Coêlho, Leonardo Alves.

O audiovisual para quem não ouve: a relação dos surdos com a televisão e o cinema / Leonardo Alves Coêlho. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

73 f.

Monografia (Graduação em Comunicação Social)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, 2008.

Orientador: Ilana Strozenberg

1. Surdos – Meios de comunicação - Brasil 2. Surdos - Brasil. 3. Cinema. 4. Televisão. I. Strozenberg, Ilana. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

CDD:305.9082

Leonardo Alves Coêlho

**O AUDIOVISUAL PARA QUEM NÃO OUVI:**  
a relação dos surdos com a televisão e o cinema

Monografia submetida à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2008

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ilana Strozenberg, ECO/UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup> Paola Le Blanc, ECO/UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Adriane Martins, ECO/UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

A todos os surdos do Brasil que estão sempre lutando por seus direitos, em prol de uma maior justiça social.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, sempre presente em todos os momentos de minha vida. Sem Ele, a força para concretizar este trabalho não existiria.

A minha mãe, pelo amor, respeito, atenção, paciência e apoio eternos.

A minha irmã, por me incentivar a ser sempre perseverante.

A meu avô, por seu exemplo de vida.

À Tia Delina, pelo carinho e apoio de sempre.

A minha orientadora, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilana Strozenberg, pela atenção, dedicação, disponibilidade e ajuda durante todo o processo de elaboração desta pesquisa.

Aos entrevistados, pelo tempo e informações compartilhadas, essenciais para este trabalho.

Aos professores da Eco que, de forma direta ou indireta, acabaram por contribuir para a realização desta monografia.

Aos meus colegas da Eco, pela parceria e amizade durante o curso todo.

Aos meus amigos, por serem presentes na minha vida e por me proporcionarem momentos felizes e únicos.

“‘Deficiente’ é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.” (Mário Quintana)

## RESUMO

COÊLHO, Leonardo Alves. **O audiovisual para quem não ouve**: a relação dos surdos com a televisão e o cinema. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Neste trabalho, analisa-se a relação dos surdos com os meios audiovisuais, principalmente, a televisão e o cinema, partindo-se da problemática existente na educação de surdos no Brasil, que traz, como consequência, a dificuldade de compreensão da língua portuguesa por parte desses indivíduos. O problema, segundo alguns autores, está na desvalorização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelos professores. Sendo a LIBRAS a língua materna dos surdos, ela precisa ser adquirida antes do português, mas isso não acontece, resultando num grande contingente de surdos com dificuldades na compreensão de textos em língua portuguesa. Como a maioria das informações que chegam aos surdos pela TV ou cinema vem na forma textual das legendas, cabe discutir o entendimento destas por esses indivíduos. Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com quatro militantes surdos, que lutam pelos direitos do surdo na sociedade. Também foi entrevistada a presidente da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição (APADA), Miriam Rangel, que não é surda. Com isso, pode-se observar que a relação com o audiovisual é marcada por uma perda importante de informações, já que os recursos de inclusão nesses meios, como a legenda e a janela com intérprete de LIBRAS, nem sempre estão presentes, ou, quando estão, não são totalmente compreendidos pelos surdos. Assim, alguns entrevistados sugerem a criação de um canal de televisão específico para o surdo, o que os segregaria ainda mais do contexto social abrangente. Para que isso não ocorra, a melhor saída seria um maior foco e investimento em práticas eficazes de ensino da língua portuguesa para os surdos, permitindo uma melhor integração com a sociedade.

SURDOS, MEIOS DE COMUNICAÇÃO, CINEMA, TELEVISÃO.



## ABSTRACT

COÊLHO, Leonardo Alves. **O audiovisual para quem não ouve**: a relação dos surdos com a televisão e o cinema. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

The central theme of this study is the relation between deaf people and media, specially television and cinema, knowing the existing problem in deaf education in Brazil, that brings consequences, such as, difficulties for them to understand portuguese. As some researchers affirm, the issue is the devaluation of Brazilian Signal Language (LIBRAS) by teachers at school. LIBRAS is deaf people main language and need to be learned before portuguese, but this doesn't happen. So, a great number of deafs have difficulties in understanding texts in portuguese. As the information comes to them by TV or cinema on subtitles, it's important to discuss the understandig level. To do this, interviews with four deaf people, that fight fot their rigths, were done. Also, Miriam Rangel, who is not deaf but is presidente of a deaf association, called APADA, was interviewed. It could be noticed that the realtion between deafs and media has an important lost of information, as the resources that can include deafs in these media, such as subtitles or signal language interpreter window, are not always avaiable, or if they are, they can not be totally understood by them. Therefore, some interviewed deafs sugested the creation of a deaf channel, specifically for them. This would isolate them even more from society and it's not a good soluiton. The best way would be focus and invest even more in efficient portuguese teaching techniques to deaf people, allowind them to interact better with society.

DEAFS, MEDIA, CINEMA, TELEVISION.

## **LISTA DE SIGLAS**

APADA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição

CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil

CIACS – Centro de Integração de Arte e Cultura de Surdos

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>O RECEPTOR SURDO E OS MEIOS AUDIOVISUAIS</b>	<b>16</b>
2.1	UMA QUESTÃO DE CLASSIFICAÇÃO	16
2.2	A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	17
2.3	A CULTURA SURDA	19
2.4	ORGANIZAÇÕES DE SURDOS	21
2.5	AS TEORIAS DA RECEPÇÃO	24
<b>3</b>	<b>POLÍTICAS DE INCLUSÃO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO</b>	<b>32</b>
3.1	BREVE HISTÓRIA DA DEFICIÊNCIA NO BRASIL	32
3.2	ACESSIBILIDADE	33
3.3	INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	35
3.4	A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL	38
<b>4</b>	<b>O AUDIOVISUAL E A DIVERSIDADE</b>	<b>43</b>
4.1	INTERNET	43
4.2	CINEMA	45
4.3	TELEVISÃO	46
4.4	UMA QUESTÃO DE DIVERSIDADE	49
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>56</b>

<b>APÊNDICE A</b>	60
<b>APÊNDICE B</b>	64
<b>APÊNDICE C</b>	66
<b>APÊNDICE D</b>	69
<b>ANEXO A</b>	72
<b>ANEXO B</b>	73

## 1 INTRODUÇÃO

A relação dos surdos com os meios audiovisuais de comunicação, mais especificamente, a televisão e o cinema, pode ser pensada, por muitos, como algo simples e não merecedor de maiores estudos. Contudo, ao se aprender um pouco mais sobre esses indivíduos, é possível perceber que há muitas questões, que são deixadas de lado e que precisam de fato ser analisadas, para que os surdos possam ser cada vez mais integrados na sociedade. A interação deles com os meios de comunicação, cada vez mais pautados nos sentidos da visão e da audição – é um desses pontos que merecem atenção. É este, exatamente, o tema deste trabalho.

Os surdos se comunicam através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma língua visual e quiroarticulatória<sup>1</sup> (CAPOVILLA *apud* BARTH, 2007), já oficializada no Brasil, que é diferente da língua portuguesa, possuindo uma gramática própria, regionalismos e demais particularidades. Como a língua portuguesa se dá na modalidade auditiva e fonoarticulatória<sup>2</sup> (ibid.), os surdos costumam ter dificuldades de aprendizado e compreensão da mesma, uma vez que o ensino que recebem desta língua nas escolas vem ocorrendo de forma inapropriada (FARIAS, 2006). Muitos indivíduos desse grupo costumam relatar dificuldades na leitura e escritura de textos em língua portuguesa. Levando-se em conta que a inclusão desse grupo nos meios audiovisuais se dá basicamente através de legendas em português, a eficácia da recepção das mensagens transmitidas por esses meios pode ser comprometida.

Tal inclusão na recepção da televisão e no cinema também pode ser feita com a inserção de uma janela no canto da tela, com um intérprete de LIBRAS. De acordo com alguns surdos, o tamanho dessas janelas é muito pequeno, dificultando a compreensão do que é sinalizado. Cabe saber dos integrantes desse grupo social, quais medidas, segundo eles,

---

<sup>1</sup> Uma língua quiroarticulatória é aquela que utiliza as mãos para expressar o seu conteúdo lingüístico (BARTH, 2007).

<sup>2</sup> A modalidade fonoarticulatória utiliza a voz como canal (BARTH, 2007).

devem ser tomadas para que a comunicação através desses meios possa, de fato, ser compreendida.

Soma-se a isso, o fato de os surdos afirmarem possuir uma cultura própria, que, segundo eles, seria diferente da cultura ouvinte (isto é, daqueles que não são surdos). Eles a denominam de cultura surda, destacando entre seus elementos centrais a LIBRAS, os modos com que estabelecem contato entre si e os mecanismos de inclusão na sociedade.

A justificativa da escolha desse tema, que tem como objetivo realçar a importância do trabalho a ser realizado (SANTAELLA, 2002), está baseada em alguns motivos principais. Em primeiro lugar, vale lembrar o aumento significativo do reconhecimento dos surdos na sociedade brasileira atual, fato este comprovado pela regulamentação, em 2002, da Lei de LIBRAS, que oficializou essa língua, e também pela Lei de Acessibilidade, que passou a regulamentar a inserção de legendas ocultas ou janelas de intérpretes na televisão, fazendo com que a atenção da sociedade se voltasse a essa minoria, antes deixada de lado.

Além disso, há uma familiaridade do autor da pesquisa com o código da LIBRAS e com o "universo surdo". Isto é de grande relevância, visto que a coleta de informações se dará através de relações diretas entre o pesquisador e o grupo estudado, sem depender de intérpretes.

Por fim, trata-se de um tema muito pouco ou nada estudado na área da comunicação social. A realização de investigações sobre o universo de comunicação desse grupo específico é fundamental para que os surdos possam de fato ser integrados na vida social, promovendo a inclusão que hoje é tão discutida na própria mídia. Sobretudo num mundo em que as mídias audiovisuais são centrais na vida cotidiana.

As análises do material estão centradas na proposta de Umberto Eco, em seu artigo "Guerrilha semiológica", no qual ele argumenta que a interpretação das mensagens midiáticas

---

acontece de forma individualizada, variando de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido. Assim, surge um espaço, segundo o autor, de guerrilha, no qual os espectadores são convidados a questionar a sociedade e provocar mudanças sociais (ECO, 1984).

Sendo os surdos espectadores diferenciados, a forma como eles decodificam as mensagens da mídia pode ser diversa da dos ouvintes, ou até mesmo se dar de modo divergente entre os próprios deficientes auditivos. O trabalho de "guerrilha" acima proposto é exatamente o que os militantes surdos entrevistados pretendem realizar. O que vale ressaltar desse artigo de Umberto Eco é a especificidade dada ao receptor da mensagem, que não é visto como constituindo uma massa única e homogênea.

No livro "A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia", J. B. Thompson aponta a necessidade de análises da mídia que ressaltem a autonomia interpretativa do sujeito receptor (THOMPSON, 2008). Dessa forma, será feita uma análise a partir dessas formulações do autor de modo a discutir o contexto do "universo dos surdos". Outro estudo relevante para esse trabalho é o de Luiz Carlos Freitas, "A internet como fator de exclusão do surdo no Brasil", que problematiza a relação dos surdos com um meio de comunicação audiovisual, com foco no Brasil.

A partir dessas idéias, o que se pretende analisar é como os próprios surdos recebem o que lhes é oferecido pela mídia, verificando-se os limites dessa comunicação e as possibilidades de estendê-los, diminuindo as diferenças entre o universo surdo e o dos ouvintes.

A metodologia empregada utiliza, de forma complementar, a pesquisa documental e a pesquisa de campo. Na pesquisa documental são levantadas informações a respeito das leis que envolvem a comunicação, a inclusão e a acessibilidade, bem como as discussões e debates em artigos, fóruns e comunidades surdas sobre esses temas.

A pesquisa de campo é de extrema relevância, uma vez que se busca analisar e discutir

o tema a partir do ponto de vista dos próprios indivíduos surdos, de forma etnográfica. Para tanto, serão feitas entrevistas em profundidade com um grupo de surdos militantes do Rio de Janeiro. Esta escolha se deve ao fato de serem líderes de opinião, preocupados com a integração do surdo na sociedade. Participam de movimentos diversos que discutem, inclusive, a adaptação dos meios de comunicação aos deficientes auditivos. Foram entrevistados quatro surdos: Rosana, de 28 anos; Nelson, de 44 anos; e o casal Ana Maria, de 59 anos e Geraldo, de 57 anos. As entrevistas foram conduzidas em LIBRAS, sendo interpretadas e transcritas para o português pelo autor da pesquisa. Além disso, foi também entrevistada a presidente da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA), Mirian Rangel, que é ouvinte e pôde dar a sua opinião, como representante de uma instituição voltada ao atendimento dos surdos.

"A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido", diz Jorge Duarte (2005, p.64). E é exatamente, por isso, que esse método será empregado, uma vez que se pretende analisar e compreender melhor o processo comunicativo dos meios audiovisuais com os surdos.

O segundo capítulo traz uma contextualização do "universo surdo", apresentando os dados estatísticos da deficiência auditiva no Brasil, a LIBRAS e as instituições direcionadas para o surdo, além de determinar a forma correta de se designar esse grupo de indivíduos estudados. Para finalizar, há uma discussão dos trabalhos de Eco e Thompson sobre as teorias da recepção, focando-as no caso dos surdos. No terceiro capítulo, as questões da acessibilidade e da educação entram em cena, cercadas pelas críticas à política de inclusão nas escolas e às práticas pedagógicas tidas como precárias para o adequado aprendizado dos surdos.



No quarto capítulo, a relação dos surdos com os meios audiovisuais de comunicação ganha destaque, analisando-se os discursos dos entrevistados sobre os recursos disponíveis hoje para eles na internet, na televisão e no cinema. Por fim, é abordada a diversidade cultural, tentando entender, a partir das falas radicais de alguns entrevistados, qual a melhor solução para a verdadeira inclusão dos surdos na relação com a televisão e o cinema.

## 2 O RECEPTOR SURDO E OS MEIOS AUDIOVISUAIS

Neste capítulo, o “universo surdo” é apresentado, explicando-se a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a cultura surda no Brasil. Além disso, são citadas algumas instituições importantes de apoio os surdos no Brasil. Por fim, são analisados os trabalhos de Eco e Thompson sobre as teorias da recepção, voltando-se, neste caso, para a figura do receptor surdo.

### 2.1 UMA QUESTÃO DE CLASSIFICAÇÃO

Poucos conhecem a importância numérica da população com deficiência auditiva no país. Segundo os dados do IBGE, em 2000, o contingente de surdos chegava a 5,7 milhões de brasileiros (IBGE, 2000)

Há um debate sobre o melhor termo para denominar esse grupo social: discute-se se é mais adequado usar surdo, mudo, surdo-mudo ou deficiente auditivo. Nesse trabalho, é usado preferencialmente o termo “surdo”, uma vez que, segundo pesquisa realizada junto a esse universo<sup>3</sup>, essa é a denominação preferida pelos próprios indivíduos em questão.

Os resultados dessa pesquisa mostram que, de acordo com os surdos entrevistados, os outros termos carregam uma conotação pejorativa e podem não expressar adequadamente a sua realidade. Como é o caso de “mudos” e “surdos-mudos”, em que se troca ou se acrescenta uma deficiência aos surdos. Sendo a mudez, na maioria dos casos, uma mera consequência da surdez, essa denominação é vista como incorreta para designar esse grupo (COÊLHO *et al.*, 2006). Já o termo “deficiente auditivo” divide opiniões. De um lado, autores como Sasaki defendem essa expressão na medida em que “se convencionou mundialmente a seguinte

---

<sup>3</sup> Pesquisa em grupo realizada pelo autor deste trabalho com surdos da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição (APADA), em 2006.

classificação: deficiência física, deficiência intelectual, deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência múltipla" (SASSAKI *apud* COSTA, 2008, p.12). Segundo esse autor, a palavra surdez é muito específica e abrange a diversidade de deficiências auditivas. Contudo, os próprios surdos, apesar de não considerarem a expressão "deficiente auditivo" errada, preferem não utilizá-la, pelo fato de enfatizar a característica de falta e remeter a um “defeito” (COELHO *et al.*, 2006).

Aqui, será designado como surdo o indivíduo que nasceu com deficiência auditiva, ou a adquiriu antes de aprender a linguagem oral, se reconhecendo como surdo e como integrante da cultura surda (FREITAS, 2007). Assim, menos do que uma descrição biológica, trata-se de uma classificação cultural e identitária. Serão seguidas, aqui, as idéias de Freitas, segundo o qual:

Ora, a questão da surdez não tem que estar atrelada à 'deficiência auditiva', num sentido restrito, biológico; a surdez diz respeito, muito mais, às experiências e às identidades dos surdos. Identidade surda, aqui, refere-se à maneira como os surdos definem a si mesmos, ou seja: de forma cultural e lingüística. (SÁ, 2003, p.3)

Ainda, esse autor, em seu livro "A internet como fator de exclusão do surdo no Brasil", afirma que

Uma pessoa que nasce ouvindo e adquire naturalmente uma língua oral e passa a falar e, posteriormente, perde a audição, passa a ter uma deficiência. [...] Por outro lado, uma pessoa que nasce sem ouvir não perde nada, partindo-se do princípio de que só se perde o que se tem. Esta pessoa não conhece o som, não faz idéia do que seja o mundo ruidoso. Aprende a pensar e a se comunicar através de gestos e expressões segundo os parâmetros da sua língua naturalmente adquirida na primeira infância, no caso uma língua de sinais, uma língua que utiliza os canais gestual e visual, as mãos e os olhos. (FREITAS, 2007, p.15 e 16)

## 2.2 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

De acordo com Strobel e Fernandes (1998), cada país possui, pelo menos, uma língua de sinais, que é diferente da língua oral utilizada na mesma área geográfica. "Isto se dá porque

essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas" (ibid., p.1). A língua de sinais utilizada pelos surdos do Brasil é a Língua Brasileira de Sinais, correntemente designada pela sigla LIBRAS. Como qualquer língua de sinais, ela é visuomanual e se compõe através de sinais formados por 5 parâmetros: 1-configuração da mão; 2- ponto de articulação; 3- movimento; 4- orientação; 5- expressão facial e/ou corporal (CASTRO, 2000).

A configuração da mão seria a forma com que a mão se apresenta durante a realização de um sinal. Existem 46 configurações de mão (STROBEL e FERNANDES, 1998). No Anexo A deste trabalho pode ser encontrado o quadro com as 46 configurações de mão. 26 delas fazem parte do alfabeto manual (Anexo B) e correspondem às letras ou fonemas do alfabeto oral. Com elas podem se formar palavras independentemente do uso dos outros parâmetros, mas só com elas não é possível expressar idéias mais elaboradas.

A linguagem da LIBRAS opera principalmente através da conjugação de todos os parâmetros. Assim, uma configuração de mão muda de significado segundo o seu ponto de articulação, isto é, o local do corpo em que se situa. Do mesmo modo, adquire novos sentidos quando utilizada associada a movimentos e orientações espaciais específicas (para cima, para baixo, para frente, para a direita, para a esquerda) (CASTRO, 2000). Por exemplo, o sinal VIDA difere de PAGAMENTO apenas se modificado o sentido do movimento, tendo a mesma configuração de mão e ponto de articulação.

Por fim, a expressão facial e/ou corporal aparece como um elemento que acrescente um diferencial aos elementos do código, podendo traduzir um sentimento, imprimir intensidade a uma idéia, "dando mais sentido à LIBRAS e, em alguns casos, determinando o significado de um sinal" (STROBEL e FERNANDES, 1998, p.16).

A LIBRAS possui dialetos regionais e outras características próprias de uma língua natural. Ela, inclusive, foi oficializada pela Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que em seu

parágrafo único diz que a "LIBRAS [é] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil." (BRASIL, 2002).

Sendo assim, a LIBRAS constitui uma língua específica, não sendo uma mera representação da língua portuguesa em gestos (STROBEL e FERNANDES, 1998). Como tal, ela possui uma história de elaboração e se relaciona à história dos surdos, ao modo como definem sua identidade e sua visão de mundo (VELOSO, 2007). De acordo com Farias e Fronza, a LIBRAS possui "elementos pertinentes às línguas naturais, como [...] semântica, sintaxe, morfologia, preenchendo, assim, os requisitos lingüísticos para ser considerada o meio de comunicação da comunidade surda" (2007, p.3).

### 2.3 A CULTURA SURDA

Em toda cultura, a língua é um dos principais meios de construção das identidade individuais e sociais, permitindo a identificação dos indivíduos com a comunidade a que pertencem (FARIAS e FRONZA, 2007). É com base nesse argumento que os surdos afirmam possuir uma cultura surda, sendo a LIBRAS seu código comum. De acordo com os depoimentos dos entrevistados para esse trabalho, a cultura surda está fortemente centrada nas percepções e na comunicação visual. Isso fica evidente nas falas:

A cultura surda se resume no visual. A visão do ouvinte é diferente do sentido da visão do surdo. O surdo se organiza em círculo, se expressa mais. O surdo explora mais o visual para suprir o sentido que lhe falta. Também faz parte da cultura surda o ato de chamar por gestos, de acender a luz para chamar atenção – como, por exemplo, a prática de “tocar” a campainha com luz. Tudo isso faz parte da identidade surda. (GRASSE, 2008).

O surdo é mais visual, usa mais meios de comunicação visuais, como “tocar” campainha através da luz. Manda mensagem de texto com o celular, usa e-mail. Agora, tem até celular 3G, com vídeo, mas é muito caro. (REIS, G, 2008).

A identidade surda, como destacou Grasse, se constrói a partir do pertencimento à cultura surda. De acordo com J. B. Thompson, "a identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade; é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo social que tem uma história própria e um destino coletivo." (THOMPSON, 2008, p.165).

A cultura possibilita que pessoas que compartilham dos mesmos códigos se identifiquem como pertencentes de um grupo comum. Para Vygotsky e Bakhtin, "a linguagem exerce outra função além da comunicativa; ela é o meio ou forma de mediação que permite ao indivíduo interagir, refletindo e refratando a ideologia de sua comunidade" (*apud* VELOSO, 2007, p.3). Como esses códigos são passados pelos indivíduos através da comunicação, principalmente a verbal, os surdos passam a se sentir prejudicados nesse processo, uma vez que, em razão da deficiência auditiva, não conseguem participar dessa forma de interação comunicacional. Desse modo, acabam por sentir a necessidade de formar uma comunidade própria, ou seja, uma cultura com regras próprias e objetivos comuns, que tem por finalidade uma melhor condição de vida para os surdos num mundo predominantemente audiovisual (COÊLHO *et al.*, 2006).

Ao viverem num mundo dominado pela cultura ouvinte, os surdos acabam por sofrer uma espécie de colonização. Isso ocorre, pois muitos surdos foram e até hoje são obrigados a se inserirem no "universo ouvinte", sendo forçados a aprenderem uma língua oral e sendo também arduamente treinados para se tornarem oralizados. O surdo-oralizado é aquele que utiliza prótese aditiva e aprende a produzir sons através de complexas técnicas fonoaudiológicas (SILVEIRA, 2007).

Segundo a perspectiva médico-terapêutica, centrada nos aspectos biológicos, os surdos são considerados pessoas que possuem uma deficiência auditiva que os impede de falar e

adquirir uma linguagem verbal, tida como condição essencial para o acesso a todo conhecimento disponível na sociedade, à integração social e ao desenvolvimento cultural. Por isso, nessa perspectiva, o surdo necessitaria de um tratamento para curá-lo desse déficit auditivo (SKLIAR *apud* CONFORTO, 2007).

É a partir desse ponto de vista que o surdo passa a ser visto como uma cópia mal feita dos ouvintes. Segundo Freitas (2007), no Brasil, por exemplo, tem predominado uma visão discriminatória em relação aos surdos. Só recentemente, políticas de inclusão visam combater essa atitude, promovendo o respeito às diferenças e aos limites e potencialidades de cada ser humano, considerado individualmente (esse ponto é tema do próximo capítulo). Diz o autor: como "as pessoas não são, de fato, iguais, vê-se o surgimento de segregação social dos indivíduos ditos diferentes no Brasil" (FREITAS, 2007, p.21).

## 2.4 ORGANIZAÇÕES DE SURDOS

Dessa forma, os surdos acabam por unir forças através da criação de instituições que lhes fornece incentivo e apoio e, promovem a luta por seus direitos. Entre elas, se destacam o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes de Audição (APADA) e o Centro de Integração de Arte e Cultura de Surdos (CIACS).

O INES foi a primeira instituição criada para o atendimento específico dos surdos. Fundado em 1857, no Rio de Janeiro, pelo francês e professor de surdos Ernest Huet, o Instituto tinha por objetivo educar os deficientes auditivos. É importante destacar que a história do INES é marcada por grandes mudanças na sua pedagogia que, originalmente, era contrária à linguagem de sinais, pretendendo promover o aprendizado da língua oral. Desde

sua fundação, a questão da LIBRAS – cujo aprendizado chegou a ser proibido na instituição – sempre esteve em pauta (CONFORTO, 2007).

[...] a comunicação em Sinais sobreviveu em sala de aula até 1957, quando foi oficialmente proibida. [Os sinais] não eram vistos como uma Língua, mas como algo prejudicial à sociedade moderna, que visava à perfeição do corpo, e para alcançar a meta o caminho era a língua oral. [Assim] o objetivo do trabalho no Instituto era adaptar o Surdo ao meio social, ministrar o conhecimento da linguagem usual, evitar os sinais digitais (os sinais não eram vistos neste momento como língua) e realizar a sua habilitação profissional (oficinas de marcenaria, tornearia, entalhe, encadernação, douração, alfaiataria, costura e bordado para mulheres e outros) para que pudessem viver de seu trabalho. (FLORES *apud* CONFORTO, 2007, p.44).

Apenas no final da década de 1980, a Língua de Sinais – ainda não oficializada na época – foi aceita como parte do projeto pedagógico do Instituto (CONFORTO, 2007.). Lá, hoje, se realiza o ensino de crianças, jovens e adultos surdos em LIBRAS, desde a educação infantil até o ensino médio, servindo também como pólo do curso superior à distância de Letras LIBRAS, com certificação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

O INES, que hoje é um órgão do Ministério da Educação – MEC – é considerado Centro de Referência Nacional na Área da Surdez, tendo "como missão institucional a produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez em todo o território nacional" (INES, s.d.). Além disso, o Instituto visa promover e garantir o desenvolvimento global dos surdos, lutando por seus direitos na sociedade.

Já a FENEIS é uma entidade filantrópica fundada em 1977, por ouvintes, com o objetivo de atender às necessidades de todas as pessoas surdas do Brasil. Como no início era constituída apenas por ouvintes, não tinha uma representatividade dos surdos. Por isso, os surdos criaram a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, exigindo maior participação na FENEIS. Entretanto, "esse direito lhes era negado por não se acreditar na capacidade de que [os surdos] poderiam coordenar uma entidade" (FENEIS, s.d.). Foi somente em 1987 que a Comissão tomou posse da presidência da FENEIS, com grande credibilidade.



Atualmente, a FENEIS realiza trabalhos de informação e luta pelos direitos dos surdos, além de realizar convênios com empresas, visando promover a inserção dos surdos no mercado de trabalho. Com escritórios regionais, a Federação pode dar assistência a milhares de surdos espalhados por todo o país, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade surda.

Também objetivando uma maior interação do surdo com a sociedade, dando ênfase principalmente a sua relação com a família, é fundada a APADA. Esta instituição sem fins lucrativos foi criada em 1970 e oferece aos surdos, atividades como o ensino de LIBRAS e da língua portuguesa, de modo a torná-los aptos a se integrarem na sociedade abrangente. Há também, uma creche para filhos de pais surdos (mesmo os ouvintes); atendimento clínico à surdez nas áreas de serviço social, serviço médico, pedagogia, psicologia e fonoaudiologia; e a central de intérpretes, uma das funções mais importantes e quase desconhecida da organização, que funciona 24 horas por dia. Segundo o site da APADA, “é através dessa central que são resolvidos diversos casos, como acidentes, audiências, atendimento médico. Os intérpretes também estão presentes em seminários, palestras e eventos.” (APADA, s.d.). Com isso, os surdos passam a ter mais uma ferramenta fundamental para vencer as barreiras comunicacionais do seu cotidiano.

Por fim, mais voltado para a área artística e cultural da comunidade surda, o Centro de Integração de Arte e Cultura de Surdos (CIACS) existe no Rio de Janeiro desde 1989. Segundo o próprio site do Centro, “a instituição é compromissada com as questões pertinentes às duas culturas, ou seja, a cultura da comunidade surda e a cultura da sociedade que ouve, os ouvintes.” (CIACS, s.d.). Sua principal finalidade é promover e incentivar a produção cultural das pessoas surdas e as demais manifestações artísticas e tradicionais da cultura brasileira, realizando cursos de formação e aperfeiçoamento focados na arte.

De acordo com a organização, "a comunidade surda tem pouco acesso à cultura na sociedade. Essa exclusão ocorre porque a maioria das manifestações artística e cultural é via auditiva, realizada através da oralidade, ou seja, da fala" (CIACS, s.d.). Sendo assim, o CIACS procura agir, permitindo que a LIBRAS seja uma forma de comunicação e expressão, assegurando ao surdo uma inclusão social e cultural. Como exemplo, há o grupo Teatro Brasileiro de Surdos, que faz parte do Centro e realiza espetáculos em Língua de Sinais com atores surdos.

## 2.5 AS TEORIAS DA RECEPÇÃO

A partir dessa breve apresentação do universo dos surdos do ponto de vista de sua forma de comunicação e organização institucional, é possível abordar a sua relação com os meios de comunicação audiovisuais, em especial a televisão e o cinema. Esse trabalho visa destacar, mais especificamente, a recepção das mensagens midiáticas pelos surdos. Antes, entretanto, é necessário expor as perspectivas da teoria da recepção, que irão fundamentar a análise.

No seu artigo "Guerrilha Semiológica", Umberto Eco explica que a cadeia comunicativa é composta "por uma fonte (ou emissor) que, por meio de um transmissor, emite um sinal através de um canal." (1984, p.168). O receptor irá transformar o sinal em mensagem. Por um lado, o autor destaca que para haver comunicação, é preciso existir um código que seja comum ao emissor e ao destinatário (ibid.). Por outro lado, Eco argumenta que é na decodificação que a mensagem adquire significados para o receptor. Nesse sentido, o receptor é sempre um agente da relação de comunicação, pois cabe a ele conferir sentido às mensagens emitidas. Se a relação dos surdos com os meios de comunicação for analisada sob

essa ótica, é possível identificar obstáculos a sua relação com suas mensagens já no que tange ao código.

Num programa de televisão ou num filme, além do código visual utiliza-se o código da língua oral. Ora, uma vez que não ouvem os surdos são incapazes de decodificar a linguagem sonora. Sendo assim, a menos que alguns recursos visuais, como as legendas, sejam utilizados, o surdo não consegue estabelecer comunicação com esses meios.

No entanto, ao transformar a linguagem falada sonora, em escrita, passível de ser apreendida pela visão, o problema se manifesta sob outro aspecto, uma vez que a linguagem das legendas é a língua portuguesa que, como foi discutido anteriormente, não é a da cultura surda. Assim, o surdo acaba por compreender a mensagem de maneira incompleta, havendo quase sempre uma perda importante. Na opinião da maioria dos entrevistados, grande parte dos surdos possui dificuldade com a língua portuguesa e a assimilação da legenda nos programas de TV e nos filmes nunca é total.

Uma série de depoimentos fala sobre essa dificuldade de decodificação:

Muitos surdos têm dificuldades com a Língua Portuguesa, pois esta é a nossa segunda língua. Da mesma maneira que a maioria dos ouvintes também não sabe LIBRAS. Não dá para entender muito a legenda. Acho que dá para entender 70 ou 60%. (GRASSE, 2008).

O problema está nos professores que não sabem LIBRAS. Eles ensinam o português sem saberem LIBRAS. O surdo é ensinado por uma pessoa que não tem conhecimento da própria língua do surdo. [...] Os professores de português para surdos é que devem ser mais bem preparados. Eles precisam ser qualificados para isso. Eu acredito que a maioria dos surdos no Brasil não consegue entender as legendas. O motivo é [esse] problema no ensino. (CASTRO, 2008).

A maioria dos surdos sabe mais LIBRAS e pouco Português. Porque LIBRAS é mais visual, faz parte da vida do surdo. A maioria dos surdos tem problemas com a Língua Portuguesa, inclusive eu. Nunca o surdo é perfeito em Português. Até ela (aponta para a esposa) que é muito boa com a Língua Portuguesa tem algumas dificuldades. (REIS, G, 2008).

A TV é difícil para o surdo. (REIS, A, 2008).

Eco argumenta que a cadeia comunicativa deve ser analisada partindo-se do receptor.

"O receptor transforma o sinal em mensagem, mas essa mensagem continua sendo ainda a

forma vazia à qual o destinatário poderá atribuir significados diferentes conforme o código que nela aplica." (1984, p.170). A partir daí, pode-se perceber a importância dada pelo autor ao receptor, relativizando o papel da fonte e seu poder de impor a mensagem ao público.

Para Eco, é a dimensão sociológica que irá determinar a verdadeira interpretação das mensagens. "A mídia transmite aquelas ideologias às quais o destinatário recorre como a códigos que nascem da situação social em que vive, da educação recebida, das disposições psicológicas do momento. '" (ECO, 1984, p.172). O autor acrescenta, ainda, que, quando a mensagem chega a seu destino, "cada um a preencherá com os significados que lhe serão sugeridos pela própria situação antropológica, pelo modelo de cultura." (ibid., p.173).

Assim, Umberto Eco propõe que qualquer política relativa à crítica das mensagens da mídia deve se desenvolver junto ao universo de recepção, promovendo uma "interpretação sempre renovada das mensagens de massa" (ECO, 1984, p.175). Fazendo isso, "o universo da comunicação tecnológica seria atravessado então por grupos de guerrilheiros da comunicação que reintroduziriam uma dimensão crítica na recepção passiva." (ibid., p.175).

Se, como já foi visto acima, os surdos são indivíduos com uma cultura própria, a forma como fazem a interpretação das mensagens midiáticas se dá ocorreria de forma diferente da dos ouvintes. De fato, de acordo com o raciocínio de Eco, eles não chegam a se reconhecer como receptores plenos. Por isso, no seu caso, além de uma possível ação junto aos receptores, seria necessário, primordialmente, para que pudessem se constituir de verdade como tal, uma ação no plano da emissão. É notável nos discursos de alguns entrevistados um desejo de agir para transformar esses meios, tornando-os mais adequados aos surdos. Eles propõem, entre várias medidas, algumas bem radicais, como a criação de um canal especificamente voltado para os surdos.

A solução seria ter um canal próprio para o surdo, pois tudo o que é feito hoje é focado no ouvinte. (GRASSE, 2008).

Seria melhor se tivesse um canal voltado para surdos. Eu penso que o surdo precisa entrar na TV (emissoras de TV) e fazer parte dela. Só assim vai haver inclusão! (CASTRO, 2008).

Thompson também aponta a importância da figura do receptor, em seu livro "A mídia e a modernidade" (2008), ao argumentar que a interpretação das mensagens midiáticas varia de acordo com o contexto específico dos indivíduos. Assim como Eco, contraria a visão segundo a qual há uma massa passiva de receptores.

Para o autor, a mídia tem influência na formação do pensamento político e social, apesar de seus produtos simbólicos serem recebidos através de um processo hermenêutico. Tal processo implica uma contextualização e o uso da criatividade para a interpretação, no qual os indivíduos, empregando os recursos disponíveis, dão sentido às mensagens que recebem (THOMPSON, 2008). Para ele, a 'apropriação' dessas mensagens é um processo mais amplo de formação pessoal, através do qual os indivíduos desenvolvem um sentido de sua história, de seu lugar no mundo e dos grupos sociais a que pertencem (ibid.). Nas palavras de Thompson,

[...] diferentes grupos têm diferentes maneiras de entender um programa, diferentes maneiras de 'negociar' seu conteúdo simbólico. O processo de recepção não tem sentido único, mas é antes um encontro criativo entre uma complexa e estruturada forma simbólica, de um lado, e indivíduos que pertencem a grupos particulares e que trazem seus próprios recursos e pressuposições para os apoiar na atividade de interpretação, de outro lado. (2008, p. 153)

O processo comunicacional, a partir da modernidade, de acordo com Thompson, implica cada vez mais a utilização de um meio técnico como canal de transmissão e produção das formas simbólicas (2008). Segundo Thompson, os meios técnicos possuem algumas características, que variam de acordo com o grau de fixação das mensagens transmitidas, seu grau de reprodutibilidade e de distanciamento espaço-temporal. Ao se codificar ou decodificar mensagens, utilizam-se, além das habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, as diversas "formas de conhecimento e suposições de fundo, que fazem parte dos recursos

culturais que [as pessoas] trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico." (THOMPSON, 2008, p.29).

Continuando seu raciocínio, o autor critica a idéia de que o termo "massa" – da expressão “comunicação de massa” – provoca: a sugestão de que os receptores das mensagens produzidas pelos meios de comunicação fazem parte de um grande grupo de indivíduos passivos e indiferentes. Para ele, deve-se abandonar essa concepção de receptor acrítico, uma vez que os indivíduos utilizam-se dessas mensagens midiáticas para finalidades próprias. (THOMPSON, 2008)

Ainda, acrescenta que a comunicação de massa possui como uma de suas características, o fato de "estabelecer uma dissociação estrutural entre a produção das formas simbólicas e a sua recepção." (THOMPSON, 2008, p. 34) Em outras palavras, os contextos de produção e recepção geralmente são diversos e, além disso, o fluxo da mensagem acontece em sentido único, do produtor ao receptor<sup>4</sup>.

Ao tratar especificamente do receptor, Thompson destaca que a recepção é uma atividade de realização especializada, que vai depender de habilidades e competências adquiridas pelos indivíduos (ibid.). Ao se pensar o caso do surdo, tais habilidades implicariam o aprendizado da leitura das legendas em português. As janelas com intérpretes de LIBRAS só são colocadas na televisão um pequeno número de programas. Não existem no cinema e são raras na internet.

Para Thompson, existem alguns limites no processo de recepção das mensagens dos meios de comunicação, como a necessidade do indivíduo "ter algum conhecimento das regras e convenções em base às quais uma mensagem é produzida (por exemplo, ele ou ela devem ter conhecimentos rudimentares da linguagem)." (THOMPSON, 2008, p.45). Mais uma vez, pode-se voltar à questão do surdo, uma vez que muitos programas

---

<sup>4</sup> Thompson escreve antes do desenvolvimento e expansão das tecnologias da internet, que diluem essa diferença, permitindo o surgimento do personagem do produtor-emissor.

não disponibilizam nenhum tipo de recurso inclusivo ao deficiente auditivo e eles não conseguem compreender a linguagem, normalmente oral, utilizada na TV. Dessa forma, precisam criar estratégias para compreender um programa sem recorrer a um desses recursos (em muitos casos não são oferecidos ao espectador). Como o caso de uma das entrevistadas, que explica o que faz quando gosta de assistir a uma novela que não é legendada:

Se a novela tem legenda é ótimo, se não tem é péssimo! Mesmo assim, se não tiver legenda e eu gostar da novela, eu leio o que vai acontecer numa revista dessas sobre novela e assisto depois, já sabendo o que está por vir. (REIS, A, 2008).

Tais atributos são "adquiridos através de processos de aprendizagem ou de inculcação socialmente diferenciados e diversamente acessíveis a indivíduos de formação diferente" (THOMPSON, 2008, p.43). Por isso alguns autores apontam a importância central do aprendizado do português, e da educação como forma de inclusão. Com o surdo, segundo Lebedeff (2003), quanto maior o grau de instrução, melhor é a compreensão da leitura de textos. Assim, o surdo com uma formação universitária, ao assistir um programa legendado, por exemplo, poderá decodificar a mensagem de forma diferenciada de um surdo com ensino fundamental. Isso leva a pensar que existe também uma variável sócio-econômica no potencial de inclusão dos surdos como receptores (pirâmide educacional no Brasil).

Outro fator relevante acerca dos receptores é o fato deles quase sempre discutirem com os outros em seus ambientes sociais imediatos as mensagens transmitidas pelos *media*. Com isso, "os pontos de vista e ações dos outros podem influenciar seu próprio comportamento" (THOMPSON, 2008, p.103). Ou seja, as pessoas usam recursos simbólicos, como a ajuda de outros, com quem interagem no seu dia-a-dia, para interpretar as mensagens da mídia. Pode-se perceber tal fato no discurso de uma entrevistada, dizendo que "o melhor é ver TV com legenda, acompanhado de outro surdo, que dá para comentar, discutir e entender melhor." (GRASSE, 2008).

Mas, os produtores das mensagens midiáticas não estão isentos de toda forma de influência sobre os receptores. Conforme Thompson sublinha, tais meios provocam e sustentam ações responsivas concertadas, desempenhando importante papel nas ações coletivas sociais. Esse argumento faz lembrar o de Eco, quando este sugere a ação de guerrilha junto ao universo de receptores. O que os dois autores tentam mostrar é que através dos meios de comunicação, atitudes de mudança social podem ser tomadas, por parte do receptor, para promover grandes diferenças na sua comunidade. Como ressalta Thompson, "a mídia se envolve ativamente na construção do mundo social." (THOMPSON, 2008, p.106).

Quando o autor trata especificamente da televisão, diz que, por conter muitos símbolos, esse meio se parece com a interação face a face, sendo repleto de deixas simbólicas auditivas e visuais (THOMPSON, 2008). "Como o cinema, a televisão enfatiza particularmente o sentido da visão; deixas auditivas são combinadas com deixas visuais para produzir a complexa imagem audiovisual." (ibid., p.117). De acordo com os relatos de dois entrevistados, essas deixas visuais, como as expressões e movimentações das pessoas na TV e no cinema, acabam por facilitar o entendimento do que está sendo mostrado.

O surdo entende um pouco o que passa na televisão, por causa da expressão facial. (REIS, G, 2008).

Gosto mais de filmes de ação, pois tem mais movimentação e pouco diálogo. Diálogo demais cansa! (CASTRO, 2008).

Ainda sobre a TV, Thompson argumenta que o caráter monológico desse meio pode ser considerado ruim para os produtores das mensagens, por causa da ausência de monitoração reflexiva, isto é, eles não têm como saber, ao certo, o grau de recepção e compreensão. No caso dos surdos não se conhecem pesquisas de mercado realizadas para aferir essa informação.

Por fim, Thompson conclui que, "para que haja diversidade e pluralismo na mídia, parece sensata e desejável a existência de uma variedade de formas organizacionais." (2008, p. 211). E continua, dizendo que as lutas por reconhecimento estão diretamente relacionadas



com o desejo de uma visibilidade cada vez maior. Com isso, pode-se entender que as reivindicações de grupos sociais marginalizados são melhor conquistadas através das lutas por uma visibilidade na mídia. Seguindo isto, vale destacar a sugestão, por parte de alguns militantes surdos entrevistados, de ser criado, aqui no Brasil, um canal de televisão direcionado e feito apenas por surdos.

Para o autor, o surgimento dos grupos de movimentos sociais, como o dos surdos, por exemplo, indica que as pessoas sentem que "as instituições políticas não têm respondido com urgência suficiente às questões que mais as afetam." (2008, p.219). É através desses movimentos que conseguirão atrair a atenção dos políticos, para que passem a discutir as questões, que antes eram deixadas de lado. Com os surdos, vale lembrar-se da oficialização da LIBRAS e da Lei de Acessibilidade, que passaram a dar maiores direitos a essa minoria social.

Thompson sugere um sentido de responsabilidade pelos outros. "Deve-se reconhecer que nossa substantiva responsabilidade se estenda muito além da esfera de proximidade de nossas interações quotidianas." (2008, p.227). A mídia pode ser uma ferramenta para este propósito, estimulando a responsabilidade pela natureza e pelo outro distante (ibid.). Este argumento justifica a realização deste trabalho, pois, a preocupação com a questão do surdo, mesmo que não esteja diretamente relacionada com a grande maioria das pessoas, deve ser levada em consideração, para permitir a estes, melhores condições de vida.

### **3 POLÍTICAS DE INCLUSÃO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

Este capítulo aborda a questão da acessibilidade e da educação, levantando as críticas feitas à política de inclusão nas escolas. Também, são analisados argumentos de alguns autores que defendem uma mudança na prática pedagógica do ensino para os surdos, permitindo, dessa forma um melhor aprendizado da língua portuguesa por esses indivíduos.

#### **3.1 BREVE HISTÓRIA DA DEFICIÊNCIA NO BRASIL**

A questão do preconceito está diretamente relacionada ao aparecimento de grupos minoritários na sociedade. No Brasil, as pessoas classificadas como deficientes possuem uma história de luta por inserção social que pode ser dividida em quatro momentos: "eliminação sumária, segregação institucional, integração e inclusão." (MIRANDA, 2007, p.21).

No primeiro momento, da eliminação sumária, que perdurou por muitos séculos, predominava a idéia de que os indivíduos deficientes eram pessoas incapazes, sem valor para a sociedade. Até que, a partir do século XIX, inicia-se o processo de segregação institucional, no qual passaram a ser confinados em manicômios ou outras instituições afins, isolados do convívio social. No século seguinte, na fase da integração, as pessoas com deficiência passaram a ser vistas como dignas de ajuda para que conseguissem, a partir de seus esforços, superar as diferenças e passar a se encaixar nos moldes da sociedade. Com isso, foram criadas turmas especiais nas escolas – somente com alunos que apresentassem alguma forma de deficiência – e cargos em instituições especializadas, voltadas exclusivamente para esse grupo, reforçando o distanciamento social. Por fim, a partir da década de 1980, surge a política de inclusão, na qual a sociedade passa a ter a tarefa de se adaptar física e ideologicamente para acolher os deficientes (MIRANDA, 2007).

É possível perceber, através da análise das entrevistas realizadas com alguns militantes surdos, como sentem as mudanças ocorridas na expressão do preconceito, com o passar do tempo.

O preconceito antes era pior, hoje está bem melhor, mas ainda existe. Agora, as pessoas têm mais conhecimento; agora tem leis que protegem o surdo. Por isso acho que melhorou, mas mesmo assim ainda tem preconceito por aí. (REIS, G, 2008).

Hoje o preconceito é menor, mas há ainda, como os salários menores para os surdos, as pessoas que pensam que o surdo é incapaz. Isso não pode continuar, precisa mudar! Outra coisa são os ouvintes tomando o lugar de trabalho dos surdos, como os professores de LIBRAS ouvintes. Eu não entendo por que eles ensinam uma língua que não é a deles, e sim do surdo. Eu acho isso errado. O surdo precisa ser mais respeitado. Antes era pior, mas hoje, por ter mais informação e leis, as coisas melhoraram muito. (GRASSE, 2008).

Como se pode observar, de acordo com eles, antes havia muito mais preconceito, do que agora. Isso, acreditam, se deveria a uma maior conscientização social, fruto do recente destaque dado à deficiência pelas novas leis de inclusão e de reconhecimento da surdez.

### 3.2 ACESSIBILIDADE

A Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008, institui o dia 26 de setembro de cada ano, como dia nacional dos surdos. Além dessa, a Lei nº 10.098 de 19 de Dezembro de 2000 estabelece os critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência, "mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação." Segundo lei, a acessibilidade consiste na

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2000).

Desse modo, no caso do surdo, a acessibilidade se refere essencialmente à possibilidade de comunicação. Como disse a presidente da APADA, Mirian Rangel, em sua entrevista: “a maior barreira para o surdo é a comunicação. E esta é uma das piores barreiras.” É por isso que a Lei de Acessibilidade determina algumas medidas para promover a eliminação das barreiras na comunicação, estabelecendo

[...] mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer. (BRASIL, 2000)

Para tanto, prevê a implementação de qualificação profissional para intérpretes de LIBRAS, além de criar normas para as emissoras de rádio e televisão, exigindo a adoção de um "plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra substituição, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva" (BRASIL, 2000).

Em junho de 2006, de acordo com a reportagem de Claudete Oliveira (2008), o Ministério das Comunicações publicou uma regulamentação, estipulando prazos para as emissoras de TV aberta adotarem a legenda oculta – tecnicamente denominada de *closed caption*. Essa implementação deve ocorrer de forma gradual, da seguinte maneira:

- \* 1 hora (entre 8 e 14h) e 1 hora (entre 20 e 2h) = 2 horas em 24 meses;
- \* 2 horas (entre 8 e 14hs) e 2 horas (entre 18 e 2h) = 4 horas em 36 meses;
- \* 3 horas (entre 8 e 14h) e 3 horas (entre 18 e 2h) = 6 horas em 48 meses;
- \* 4 horas (entre 8 e 14h) e 4 horas (entre 18 e 2h) = 8 horas em 60 meses;
- \* 6 horas (entre 6 e 14h) e 6 horas (entre 18 e 2h) = 12 horas em 72 meses;
- \* 16 horas (entre 6 e 2h) = 16 horas em 94 meses;
- \* 20 horas (programação do dia) = 20 horas em 106 meses (programação do dia) = 24 horas em 132 meses; (OLIVEIRA, 2008).

Isto quer dizer que, se essa norma for cumprida, em junho de 2017 todos os canais disponibilizarão o recurso de legenda oculta em toda a sua programação.

### 3.3 INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO

Além da Lei de Acessibilidade, há a que determina a inclusão nas escolas, um tema que vem sendo bastante discutido atualmente. Implantado em 2003, pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC), o Programa Educação Inclusiva determina a junção dos alunos deficientes com os sem deficiência na mesma sala de aula, propondo um mesmo ensino para todos. Conforme o Programa, o objetivo é de

[...] transformar os sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, promovendo um amplo processo de sensibilização e formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, a promoção das condições de acessibilidade e a organização do atendimento educacional especializado. (BRASIL, 2008)

Segundo a "Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva", do MEC, essa proposta de inclusão visa garantir o direito à educação gratuita dos deficientes, não permitindo a sua exclusão sob a alegação de deficiência. Ou seja, permitir que os deficientes "possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem." (BRASIL, MEC, 2008).

Entretanto, essa política de inclusão nas escolas não é muito bem vista pelos próprios surdos, como é perceptível nos relatos de quase todos os entrevistados, incluindo a presidente da APADA. Eles argumentam que a inclusão não acontece de fato nas salas de aula, pois o grande número de alunos faz com que os deficientes sejam deixados de lado pelos professores, que na maioria das vezes também não domina a LIBRAS. Além disso, afirmam que o surdo passa a ser minoria na escola inclusiva, perdendo seu poder de liderança para o

ouvinte. Ainda, relatam que tal prática prejudica o processo de construção da identidade surda e aceitação da sua cultura.

Eu sou muito radical sobre esse assunto. Eu acho que falta muito para a verdadeira inclusão. Há um tempo atrás me pediram a opinião sobre um anúncio a respeito da inclusão e eu critiquei tanto que tiraram do ar. A inclusão não funciona! O grande número de alunos por turma complica para a inclusão acontecer de fato. A inclusão do jeito que é não dá! É preciso que o professor saiba LIBRAS, que ele tenha um auxiliar e que as turmas sejam no máximo de 30 alunos. Tanto que agora, nas escolas estaduais, estão voltando ao que era antes da inclusão, com as salas de reforço. (RANGEL, 2008).

A inclusão é horrível, porque o desenvolvimento da criança surda se dá por fases, e com a inclusão, ela perde a qualidade em LIBRAS, perde o desenvolvimento da cultura e da identidade surda. Na hora do recreio, por exemplo, os ouvintes ficam conversando e o surdo é deixado de lado. Ou então, fica com o intérprete sempre no pé dele, como se fosse sua mãe. Outro fato é que a grade curricular do aluno surdo é composta por disciplinas próprias do ouvinte. E o surdo? Onde fica? O que acontece é que o surdo acaba ficando sem poder de liderança dentro da escola inclusiva. Não pode dar sua opinião, por estar cercado de ouvintes, sendo a minoria. A inclusão é uma exclusão porque o surdo é minoria e acaba sendo deixado de lado. Por exemplo, em trabalhos em grupo, o surdo fica com a menor parte, sem poder dar muito sua opinião. Para mim, inclusão na escola não existe! (GRASSE, 2008).

Hoje os surdos têm mais direitos que antes, como intérpretes na faculdade, direito à escola especial (só surdo, porque surdo e ouvinte juntos na sala de aula não dá certo!). Porque o surdo precisa crescer e aprender a cultura surda, a identidade surda primeiro, para depois se misturar com o ouvinte. A inclusão na educação não é boa, mas no dia-a-dia é ótima para o surdo poder se relacionar com os ouvintes. (CASTRO, 2008)

Eu sou totalmente contra a inclusão, porque é pior para o surdo. O surdo precisa de um professor que saiba sinalizar e que se foque no aluno surdo. O intérprete na sala de aula pode cortar palavras, e aí o surdo perde com isso. (REIS, G, 2008).

Apenas uma das entrevistadas defende a inclusão, dizendo que “a inclusão [é] boa, por causa da interação do surdo com a sociedade.” (REIS, A, 2008).

Essa visão da inclusão, como trazendo mais desvantagens do que ganhos para a educação do surdo no Brasil, também é compartilhada por alguns autores, que analisam o ensino dos surdos no país. Segundo esses pesquisadores, a inclusão funcionaria como uma forma de exclusão para o deficiente auditivo, prejudicando muito o seu aprendizado em sala de aula.

No trabalho de Silveira (2007), a política educativa de inclusão é apresentada como enfraquecedora da cultura surda, uma vez que as medidas previstas funcionam apenas como uma espécie de fachada nas escolas, fazendo com que os alunos surdos passem a ser isolados em sala de aula. Conforme argumenta Machado (2006), outro crítico da inclusão na educação, a escola inclusiva seria apenas um espaço de aceitação do outro diferente. Desse modo, a inclusão na escola faz parecer que a convivência com os colegas sem deficiência é mais importante para o surdo do que o seu aprendizado efetivo.

Os que defendem a integração/inclusão baseiam-se nas idéias de igualdade de direitos e de oportunidades e nos supostos benefícios que emergem no contato com os demais alunos. Já os que não concordam com essa posição, fundamentam-se no reconhecimento político da surdez como característica cultural específica de um grupo social. (MACHADO, 2006, p. 47)

Para complementar, Silveira (2007) mostra que, segundo relatos, um surdo que estude numa escola inclusiva, com pouco contato com outros surdos, pode realizar o aprendizado de seus sinais de forma diferenciada e menos eficiente, o que pode até mesmo vir a prejudicar sua relação com a comunidade surda. Ao se relacionar com sua comunidade apenas no ambiente fora da escola, o aluno surdo acaba por construir uma identidade surda pobre.

A escola regular acaba privando o surdo do importante contato com outros surdos, pois é nesse contato que o surdo aprende a ser surdo, ou seja, a se identificar com seus iguais, a se apropriar de sua língua e a ingressar na sua cultura, construindo a sua identidade e se organizando enquanto grupo social. Também na escola regular, que geralmente não reconhece a diferença cultural, o surdo não tem espaço para manifestar-se culturalmente, nas suas formas particulares de expressão. (MACHADO, 2006, p.49)

Partindo do que foi dito, percebe-se que o processo de inclusão do surdo na escola regular prioriza as relações diretas com os outros alunos, e deixa de lado a questão da produção de conhecimento do surdo, uma vez que tais instituições vêm adotando, no geral, práticas pedagógicas oralistas (MACHADO, 2006). Segundo o autor, "esse modelo ainda hegemônico, em síntese, pauta-se por uma atitude 'normalizadora' em que as diversas formas de educação de surdos têm a intenção de 'ouvintizar', ou seja, de fazê-los parecer como ouvintes." (ibid., p.41).

Assim, esse tipo de prática é severamente criticada pelos pesquisadores da educação dos surdos, que defendem o bilingüismo como o método mais eficaz. Como afirma Finau (2006), os estudos na área da Lingüística se tornaram ferramentas importantes para a comunidade surda, garantindo seus direitos a uma educação bilíngüe, que, segundo pesquisas, tem se mostrado a modalidade ideal para o ensino dos surdos do Brasil. Mas, antes de entrar a fundo nessa questão, é necessário apresentar as diferentes metodologias aplicadas na história da educação dos deficientes auditivos no país.

### 3.4 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL

Em seu trabalho, Farias e Fronza (2007) fazem um histórico da educação dos surdos no Brasil, adotando a divisão em três fases, proposta por Quadros. A primeira fase é a da educação oralista, contra a utilização da língua de sinais em sala de aula e a favor de um método oral, contribuindo para uma acentuação da desigualdade entre ouvintes e surdos. Já a segunda fase, que se inicia a partir da década de 1970, passa a entender que o uso da língua de sinais facilita o desenvolvimento da linguagem, mas liga os sinais de forma direta à estrutura da língua portuguesa como estratégia de ensino da língua oral. Essa forma é chamada Comunicação Total, pois tem a intenção de reunir todos os elementos das duas línguas (é conhecida também como português sinalizado). Como as estruturas dessas duas línguas são essencialmente diferentes, segundo Quadros (*apud* FARIAS e FRONZA, 2007), tal método acaba por desestruturar tanto a LIBRAS quanto o Português. Finalmente, surge no Brasil, nos últimos 20 anos, uma proposta educacional bilíngüe e bicultural, que caracteriza a terceira fase.

[...] o bilingüismo é uma proposta de ensino que considera a língua de sinais como língua própria da criança surda, ou seja, como sua primeira língua, que deve ser aprendida o mais cedo possível, e a língua portuguesa escrita, como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da língua de sinais, baseando-se em técnicas de ensino de segundas línguas. Já a proposta



bicultural, por sua vez, permite ao surdo o seu acesso rápido à comunidade ouvinte e faz com que ele se reconheça como parte de uma comunidade surda. (FARIAS e FRONZA, 2007, p.3).

Assim, a LIBRAS passa a ser reconhecida, segundo diversos autores, como a língua materna do surdo do Brasil. Como lembra Quadros, a declaração dos direitos humanos lingüísticos estabelece que "todos os seres humanos têm o direito de identificarem-se com uma língua materna e de serem aceitos e respeitados por isso" (*apud* FARIAS e FRONZA, 2007, p.3). De acordo com Farias e Fronza (2007), a língua de sinais é considerada a primeira língua da pessoa surda, pois sua aquisição ocorre de forma natural, já que possui uma modalidade espaço-visual, não exigindo a audição para ser adquirida. Nas palavras de Veloso,

[...] a língua materna do surdo é a LIBRAS, uma vez que é esta a língua que ele adquire espontaneamente e que ele pode dominar plenamente, pois utiliza o meio espaço-visual, que é o normalmente desenvolvido pelo indivíduo surdo, e a Língua Portuguesa é a sua segunda língua, já que ela não é natural para este indivíduo e sua apropriação é comprometida." (2007, p.2).

Para reforçar seu argumento, a autora afirma que mesmo a criança surda não tendo acesso à LIBRAS na infância, ela passa a se comunicar por uma linguagem gestual rudimentar própria, para estabelecer comunicação com seus familiares (VELOSO, 2007).

É por isso que esses pesquisadores defendem a aquisição da LIBRAS antes da língua portuguesa, apontando as falhas existentes no sistema de educação que prioriza o ensino de uma segunda língua – o português –, em detrimento da que seria sua língua materna. Segundo Barth, não se deve pensar o aprendizado da escrita da língua portuguesa pelo surdo, da mesma forma com que isso é feito para o ouvinte, uma vez que para este último, tal processo se dá na modalidade auditiva e fonoarticulatória, enquanto que para o outro se dá "de forma natural e primária [...] [na] modalidade visual e quiroarticulatória." (2007, p.4). É por esse motivo que o surdo é tido nas escolas como um mau usuário do português, uma vez que as práticas de ensino utilizadas na educação dos deficientes auditivos no Brasil se dão de maneira errônea (FREITAS, 2007).

Assim, defendendo o modelo recente do bilingüismo, esses estudiosos acreditam que, para o surdo poder, de fato, aprender a língua portuguesa corretamente, é preciso primeiro ocorrer a aquisição da LIBRAS durante o período da primeira infância – até os cinco anos de idade. Apenas depois disso esses indivíduos estariam aptos a aprender uma segunda língua perfeitamente (VELOSO, 2007). Como língua materna, a LIBRAS "desperta a subjetividade e a capacidade de compreensão do indivíduo [...] [, sendo] a ponte para a compreensão do indivíduo surdo." (ibid., p.2).

É por essa razão que o surdo apresenta dificuldades na leitura e na escrita da língua portuguesa. De acordo com Góes a falha não se encontra no surdo, e sim na pedagogia.

[...] as pessoas surdas, mesmo depois de terem passado por um longo período de escolarização, apresentam dificuldades no uso da língua escrita. Na verdade, as limitações nessa esfera não são exclusivas das experiências escolares de surdos, nem inerentes à condição de surdez: um dos principais problemas está nas mediações sociais dessa aprendizagem, mais especificamente, nas práticas pedagógicas que fracassam também na alfabetização de ouvintes. (*apud* FREITAS, 2007, p.26).

Como as estratégias utilizadas na educação dos surdos têm sido marcadas por uma tentativa de transformá-los em ouvintes capengas, não considerando suas diferenças físicas e culturais, os resultados mostram que "raros são os [surdos] que conseguem escrever em português corretamente" (FREITAS, 2007, p.28). Com isso, tendo o ouvinte como modelo ideal a ser alcançado, o surdo passa a se sentir inferior, inseguro, e desenvolve uma baixa auto-estima, que contribuem para um "afastamento gradual e definitivo da leitura e escrita em Português ou em qualquer outra língua escrita." (ibid., p.28).

Desse modo, a falta do gosto e interesse pela língua portuguesa só vem a agravar ainda mais a situação dos surdos, que passa a não desenvolver um hábito de leitura. Esse hábito, segundo a presidente da APADA, em sua entrevista, é fundamental para que o surdo possa melhorar a sua escrita e compreensão do idioma.

O surdo não tem hábito de ler, e é por isso que eu quero muito fazer esse curso de Português para os surdos adultos. A dificuldade do surdo com o Português se dá pela falta de leitura. A dificuldade do surdo é não ler! Se o surdo tiver

aulas boas de português, se ele conhecer bem a Língua Portuguesa, ele vai se sair bem nas outras disciplinas escolares. Entendendo o Português bem o surdo tem sua vida facilitada. (RANGEL, 2008)

Um dos maiores erros na prática educacional dos surdos, apontado por Lima, foi o fato de se associar o ensino do Português à memorização da maior quantidade possível de vocábulos (2006). Como também afirma Kelman, "uma língua não se constrói a partir de um somatório de palavras isoladamente aprendidas" (*apud* FARIAS e FRONZA, 2007, p.6). As consequências disso são apresentadas, por Lima (2006), nos exemplos de textos escritos por alunos surdos, nos quais, não há uma obediência à estrutura gramatical do português, existindo apenas um agrupamento, sem coerência, de diversos vocábulos da língua portuguesa conhecidos pelo aluno. Como ela argumenta, não se deve pensar que aprender uma língua é simplesmente dominar itens lexicais, ou ainda, ter acesso a um grande contingente de palavras. Para a autora, a língua precisa ser vista como uma atividade cognitiva e social:

[...] para se afastar de uma concepção de língua que se esgota no código lingüístico, a língua deve ser concebida como uma atividade cognitiva, pela qual se pode expressar sentimentos, idéias, ações e representar o mundo; visualizada como uma atividade social através da qual se pode interagir com outros seres sociais e que apresenta características essencialmente dialógicas. (LIMA, 2006, p.6)

Visando reforçar a relevância dessa temática, cabe enfatizar que esse problema já saiu das salas de aula e foi parar na justiça. Segundo uma notícia da parte de Vestibular e Educação, do site globo.com, por determinação judicial, a Universidade Federal do Piauí teve que adotar critérios de avaliação diferenciados para a correção das redações de candidatos portadores de deficiência auditiva (BASSETTE, 2006). Ou seja, essa questão é bem grave, e nos demais locais onde essa medida não existir, haverá, praticamente, um impedimento do acesso do surdo ao ensino superior público.

Uma das sugestões para a melhoria do ensino de surdos, é que o ensino seja realizado por professores surdos, e não por ouvintes, como é na maioria dos casos. "Os professores ouvintes [...] são 'estrangeiros' que se aproximam da língua de sinais e da cultura visual, mas

privilegiam, pelo hábito e pela própria cultura, a modalidade oral-auditiva." (GIORDANI *apud* FARIAS e FRONZA, 2007, p.5). Por isso, os profissionais surdos com um perfil bilíngüe e bicultural são extremamente importantes, servindo de modelo e liderança para os alunos surdos (FARIAS e FRONZA, 2007).

Por fim, como explica Ramos (2001), por serem os surdos uma minoria lingüístico-cultural, eles precisam lutar pelo direito de terem a sua língua – a LIBRAS – reconhecida nos currículos escolares. Dessa forma, serão capazes de desenvolver a sua língua materna e poderão, de forma mais simples, dominar uma segunda língua – a língua portuguesa escrita –, que tem um importante papel na integração dos surdos com a sociedade, uma vez que grande parte dos conteúdos chega a eles através de mensagens nessa outra língua.

Com a Lei da Acessibilidade, os meios de Comunicação passaram a ter que se preocupar com a transmissão de mensagens para os deficientes. No caso dos surdos, são nos meios audiovisuais que essa problemática aparece. Com isso, normas foram criadas exigindo que as emissoras de TV disponibilizassem programas com a legenda oculta, como já foi visto. Agora, sabendo da dificuldade dos surdos com a Língua Portuguesa, e também, que essas mensagens chegam até esses indivíduos nessa língua, surge a necessidade de analisar a relação dos deficientes auditivos com os meios audiovisuais, em especial, com a televisão e o cinema.

## **4 O AUDIOVISUAL E A DIVERSIDADE**

Neste capítulo, é analisada a relação dos surdos com os meios audiovisuais de comunicação, a partir dos relatos dos entrevistados sobre as tecnologias de inclusão disponíveis para eles atualmente na internet, na televisão e no cinema, buscando-se a melhor solução para essas questões. Por fim, a questão da diversidade cultural entra em cena para discutir o argumento radical de alguns surdos entrevistados de que a melhor medida para incluir os surdos na relação com o audiovisual seria a segregação.

### **4.1 INTERNET**

Para iniciar o estudo da relação dos surdos com os meios audiovisuais, cabe apresentar o que foi exposto por Luís Carlos Freitas, em seu livro "A internet como fator de exclusão social do surdo no Brasil" (2007). Em seu trabalho, o autor aponta que a internet é composta basicamente por textos e ressalta que isso resulta na exclusão dos surdos pelo fato destes apresentarem dificuldades para entender a língua portuguesa escrita.

Segundo esse autor, a internet é vista pelos ouvintes como facilitadora das interações dos surdos com a sociedade. Acreditam que, por ser uma forma de comunicação pautada na escrita, a barreira sonora é vencida (FREITAS, 2007). Porém, como já foi explicado no capítulo anterior, essa questão não é tão simples assim, uma vez que existem diversos problemas no processo de ensino da língua portuguesa para os surdos no Brasil.

Em sua pesquisa, Freitas constata que mesmo após a evolução da interface gráfica, "a internet continua sendo, hoje, majoritariamente composta e constituída de informação em texto." (FREITAS, 2007, p. 30). Através de pesquisa em páginas na internet voltadas para a comunidade surda, ele constata que até mesmo nessas há uma média de 32 palavras para cada

figura, isto é, apenas "5% de conteúdo visual para pessoas com experiência visual<sup>5</sup> de vida." (FREITAS, 2007, p. 31).

Ainda, o autor afirma que, desde o seu surgimento, a internet vem sendo focada no ouvinte e que só há pouco tempo se passa a discutir a necessidade de sua adaptação para os demais indivíduos. Como exemplo, ele cita a criação de cursos à distância pela internet, voltados para surdos, tendo a LIBRAS como base. De acordo com Freitas, isso ocorre porque se passa a dar maior atenção à diversidade humana (FREITAS, 2007).

A maioria dos surdos entrevistados concorda com as idéias de Freitas, relatando que, pelo fato de ser predominantemente textual, esse meio acaba não sendo de fácil utilização pelos surdos. Desse modo, eles destacam que tal meio precisa se tornar mais visual, utilizando mais imagens e vídeos.

A internet também é muito textual. Precisa ser mais voltada para o surdo. Precisa ter bilingüismo: texto em Português mais vídeo em LIBRAS. A internet precisa ser mais visual, mais interativa, ter mais imagens, para o surdo poder entender melhor. É preciso haver um equilíbrio. Alguns surdos acabam se afastando da internet por ser muito textual. Precisa ser mais visual! (GRASSE, 2008).

O surdo vê as coisas de forma diferente. Por isso, a internet não é inclusiva, uma vez que o surdo precisa de uma internet direcionada a ele, ao seu jeito de ver o mundo. Ou seja, a internet precisa ser mais visual, com LIBRAS. Não queremos nada "especial" e sim visual. No caso, os textos na internet poderiam ser em LIBRAS (nesse momento ele mostrou um exemplo de um site que seria ideal para ele: o site da faculdade à distância de Letras LIBRAS, no qual todo texto em português é acompanhado de um vídeo com o mesmo conteúdo em LIBRAS). (CASTRO, 2008).

Vale destacar que um dos surdos, em sua entrevista, defende, a princípio, que a internet promove a inclusão do surdo. Mas, isso só acontece quando se faz uso de tecnologias que permitem a comunicação através do sentido da visão. Em suas palavras: "eu acho que a internet inclui o surdo, porque tem *webcam*, por exemplo, que permite ao surdo conversar de forma bem visual. Mas também é complicado para o surdo, pois tem muito texto e também muita coisa em inglês." (REIS, G, 2008).

---

<sup>5</sup> A experiência visual como central na percepção de mundo dos surdos foi discutida em capítulo anterior.

## 4.2 CINEMA

Nas entrevistas realizadas, todos os surdos afirmaram gostar de cinema. Esse meio é o que menos oferece recursos exclusivos para o deficiente auditivo, tendo apenas a legenda como tecnologia inclusiva. Além disso, há a questão dos filmes nacionais, que não apresentam o recurso da subtitulação, afastando os surdos do cinema nacional.

Os filmes que passam nas salas de cinema do país são, em sua maioria, estrangeiros. Com isso, acabam sendo legendados em língua portuguesa, para permitir que os espectadores possam compreender o que foi dito em outro idioma. Esse recurso, no entanto, não é feito especificamente para o surdo e sim para o ouvinte. Dessa forma, não há nas legendas de filmes no cinema, as indicações sonoras – de trilha sonora ou de sons locais –, como na legenda oculta, que será explicada no próximo item. Por isso, é interessante saber dos surdos entrevistados, a importância de tais indicações sonoras. De acordo com eles, a não indicação do som pode causar perda na compreensão do conteúdo do filme, ou um atraso no entendimento de uma cena, que só mais tarde poderá ser entendida pelo surdo, no decorrer das cenas seguintes. “É mais difícil entender o filme quando ele não tem a indicação do som. Essas indicações são muito boas. Dependendo da história do filme nem sempre dá para entender se não tiver a indicação do som.” (REIS, A, 2008).

Dependendo de como o diretor do filme faz os planos, a legenda sem indicação de sons pode ser melhor compreendida. Por exemplo: cena de alguém batendo na porta. Se mostrar a pessoa batendo na porta, dá para entender. Ou cena de telefone tocando, que mostra o telefone. Mas, muitas vezes isso não acontece e aí fica difícil e não dá para entender. (CASTRO, 2008).

Geralmente o surdo entende o que aconteceu depois do ouvinte nos filmes quando não tem indicação de som nas legendas. É comum, os ouvintes rirem e o surdo perder o que aconteceu por causa do som. Acho que isso contribui para a dificuldade de compreensão do filme. (GRASSE, 2008).

Um segundo problema para os surdos, no Brasil, no que diz respeito ao cinema, são os filmes nacionais. Como alguns dizem no relato, os filmes brasileiros são lançados no cinema sem subtitulação. Só há pouco tempo começou um projeto no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB – de apresentação de filmes nacionais com legenda. Contudo, tais filmes não são, geralmente, recentes, o que gera uma insatisfação. Um dos entrevistados comenta que "em alguns casos, se o filme for muito bom, eu vou ao cinema com algum ouvinte que vai traduzindo aos poucos para mim, me explicando o filme." (CASTRO, 2008).

Filme brasileiro sem legenda não dá para entender. No Brasil, o filme é lançado sem legenda, aí eu não vou assistir. Eu espero sair o DVD, que vem com legenda, e alugo. Isso é uma falta de respeito com o surdo. O filme precisa ter legenda logo quando é lançado. (GRASSE, 2008).

#### 4.3 TELEVISÃO

A relação dos surdos com a televisão, no Brasil, depende de dois recursos: a legenda oculta e a janela com intérprete de LIBRAS. Ambos pretendem traduzir para o surdo o que é falado em português oral, permitindo, assim, uma inclusão na relação televisiva. Contudo, há alguns fatores que dificultam, para o surdo, a compreensão desses recursos, além do fato deles nem sempre estarem disponíveis em todos os programas de TV.

A janela com intérprete de LIBRAS apresenta um profissional proficiente em língua de sinais que faz a tradução simultânea do que é dito na televisão. Normalmente, essa janela aparece no canto direito da tela, em tamanho reduzido, uma vez que fica disponível não só para o usuário que deseja utilizar tal recurso, mas também para todos os que assistem ao programa. A tradução pode ser feita ao vivo, ou gravada, variando de acordo com a programação. Ela é utilizada principalmente em campanhas eleitorais e alguns programas religiosos, aparecendo obrigatoriamente nos discursos oficiais do presidente da República, conforme o decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Um programa que utiliza esse



recurso é o da Prefeitura do Rio de Janeiro, chamado “Nós da escola”, no ar na Band Rio. A janela com intérprete não aparece, no entanto, em programas de lazer e telejornais, com exceção do “Jornal Visual”, da TV Brasil, no qual as notícias são transmitidas por um apresentador, em LIBRAS (com narração em língua portuguesa oral para também permitir a compreensão dos ouvintes).

A legenda oculta – conhecida pelo nome *closed caption* – é o recurso mais utilizado pelas emissoras de televisão. Ao contrário da janela com intérprete, a legenda pode ser ligada ou desligada, dependendo da escolha do usuário. Segundo Franco, o maior desafio do *closed caption* “é conseguir expressar na escrita aquilo que é falado, os sons locais (risos, telefone tocando) e de efeito (como música), além de outras complexidades, sem desvincular o texto à imagem que é transmitida” (*apud* COSTA, 2008, p.13).

Esse recurso pode ser produzido de duas formas: *online* e *offline*. A subtítuloção *online* é produzida no momento da transmissão, sendo mais utilizada em programas ao vivo (COSTA, 2008). Ela possui como característica a falta de sincronia com a imagem e a não indicação sonora, uma vez que é feita por uma pessoa que precisa escutar primeiro o que foi dito, para depois produzir a legenda. Já a *offline*, é produzida previamente, sendo, por isso, melhor editada. Só o *closed caption offline* permite, por exemplo, a inserção das indicações sonoras e o posicionamento das falas na direção dos personagens. Desse modo, essa forma de legenda oculta acaba facilitando a compreensão da leitura, já que o tempo de exibição da legenda e o seu tamanho são ajustados.

Sabendo da existência desses diferentes recursos para a inclusão do surdo nesse meio audiovisual, verificam-se, nos relatos dos entrevistados, algumas insatisfações, no que diz respeito a essas tecnologias. De acordo com eles, permanece a dificuldade de entendimento do português escrito, no caso da legenda oculta, e no caso da janela com intérprete de LIBRAS, do tamanho reduzido, que dificulta a distinção do que está sendo sinalizado.

Eu acredito que a maioria dos surdos no Brasil não consegue entender as legendas. O motivo é o problema no ensino. [...] Mesmo com a legenda, tem palavras que não dá para entender. Por isso, acho que a legenda é importante, já que ajuda o surdo a entender. [...] A legenda só ajuda, embora não seja ideal. E a janela com o intérprete é muito pequena. Fica tudo muito confuso, não dá para entender nada direito. Mas, o ideal seria que a sinalização fosse na tela toda, tudo fosse em LIBRAS (risos). Agora, você pensa numa criança surda. Ela não sabe ler para entender as legendas. Como ela faz? Isso é muito complicado. A criança surda fica de fora da televisão. (ele mostrou um desenho animado em GESTUNO, uma Língua Internacional de Sinais, que não chega a ser uma Língua por não possuir gramática própria, mas é muito utilizada em conferências internacionais de surdos). (CASTRO, 2008).

Não dá para entender muito a legenda. Acho que dá para entender 70 ou 60%. [...] Acho que depende do surdo, se ele entende melhor a legenda ou não. Acho que deveríamos ter duas opções: legenda ou intérprete, cabendo a escolha a nós. Sendo que a janela precisaria melhorar. Precisamos de uma melhor solução para esse problema. É preciso pensar num jeito melhor dessa janela de intérprete. A janela precisa ser mais visual. Talvez, maior, mas com mais interação. O surdo precisa ter mais opção, poder escolher o que gosta mais: a legenda ou a janela com intérprete. Seria melhor se tivesse uma adaptação, pois somos mais visuais e ao ver uma novela, por exemplo, é importante mostrar mais de onde vem o som (indicação do som). (GRASSE, 2008).

Quanto à janela acho que ela facilita o entendimento da maioria dos surdos, mas é muito pequena. Por isso, e prefiro a legenda, porque a janela é tão pequena que não dá para entender nada direito. Embora, eu acredite que a maioria dos surdos deve preferir a janela com intérprete. (REIS, A, 2008).

A janela com intérprete é tão falha! Eles precisam se preocupar com o fundo e a roupa do intérprete, para que fique bem destacado. Muitas vezes as mãos se confundem com a roupa. É complicado isso. Além disso, é tudo muito pequeno, não dá para entender bem. A legenda funciona muito mais. Mas, acho que a janela maior também seria muito bom. Como no programa da Prefeitura do Rio que tem uma janela bem maior. Assim dá para entender bem melhor. (RANGEL, 2008).

É interessante destacar que, mesmo reconhecendo a dificuldade do surdo com a língua portuguesa escrita, no caso das legendas, uma das entrevistadas diz ser contra a sua simplificação: "acho a legenda boa assim do jeito que está. Sou contra a simplificação da legenda." (REIS, A, 2008). Como se trata de uma entrevistada que se destaca pelo melhor domínio da língua portuguesa, pode-se supor que a alternativa para a simplificação das legendas seria a melhoria do ensino da língua portuguesa para os surdos.

Diante do fato de que essas duas tecnologias apresentam falhas e não agradam aos surdos por completo, estes sugerem, como saída para viabilizar a inclusão dos deficientes

auditivos como público de televisão, a criação de um canal específico. Tal canal seria feito por e para surdos. Como dizem dois dos entrevistados: "seria melhor se tivesse um canal voltado para surdos. [...] Eu penso que o surdo precisa entrar na TV (emissoras de TV) e fazer parte dela. Só assim vai haver inclusão!" (Nelson, 44 anos). E "a solução seria ter um canal próprio para o surdo, pois tudo o que é feito hoje é focado no ouvinte." (GRASSE, 2008).

Essa visão radical, defendida por esses militantes, torna necessária a discussão sobre se a solução para a diferença estaria na sua inclusão no contexto da comunicação da sociedade abrangente, permitindo alguma forma de troca entre ouvintes e não ouvintes, ou, ao contrário, na separação entre os indivíduos desses dois universos.

#### 4.4 UMA QUESTÃO DE DIVERSIDADE

No decorrer deste trabalho, foi possível perceber nos discursos dos militantes surdos uma atitude de insatisfação no que se refere a sua inclusão como receptores das mensagens de comunicação veiculadas pelos meios audiovisuais. Essa insatisfação, por sua vez, é em grande parte atribuída a uma exclusão anterior, que se dá no campo da educação, que não considera que possuem uma língua própria – a LIBRAS – e que, portanto, para incluí-los na sociedade brasileira, seria necessário, antes de mais nada, ensinar-lhes o português.

Diante disso muitos apontam, como solução, a defesa da afirmação de uma cultura surda, com instituições ou setores das instituições educacionais já existentes e canais de comunicação voltados especificamente para esse público. Essa, no entanto, é uma posição polêmica: até que ponto tais medidas, embora visando a integração, poderiam acabar promovendo uma segregação social ainda mais radical dos indivíduos surdos? É esse o debate que se pretende desenvolver aqui, tendo como ponto de partida teórico as idéias apresentadas por Clifford Geertz (2001) em seu artigo "Os usos da diversidade".

Como discutido no capítulo três desta monografia, com base nos depoimentos dos militantes surdos e da presidente da APADA, o sistema educacional não funciona de forma adequada para os surdos, que acabam sendo deixados de lado nas salas de aula pelas dificuldades que apresentam no aprendizado. Segundo explicam, isso se deve à ausência de práticas educacionais eficazes direcionadas especificamente para os surdos. Por isso alguns deles chegam a defender a não-inclusão nas escolas, propondo uma educação voltada para as necessidades do surdo, feita, inclusive em LIBRAS. Seria essa, dizem, a melhor saída para solucionar a questão da sua dificuldade com a língua portuguesa escrita.

Do mesmo modo, no que se refere à relação dos surdos com a televisão, alguns entrevistados avançam a sugestão da criação de um canal especialmente direcionado para esse grupo. Isso, segundo afirmam, permitiria que as informações lhes fossem transmitidas de forma mais eficaz e direta, não sendo simplesmente uma tentativa de fazê-los participar, de modo precário, do universo de comunicação voltado para a maioria ouvinte.

Desse modo, negam que as políticas de inclusão e de acessibilidade, atualmente implementadas pelo governo, sejam uma boa solução e as encaram como ineficazes para promover uma maior igualdade de direitos e justiça social. É dessa forma que a sociedade acaba por se fragmentar em diversos grupos, que se auto-denominam culturas, e que pretendem não possui objetivos comuns e acabam por desfavorecer a aceitação das diferenças (GEERTZ, 2001).

Segundo Geertz, no entanto, a defesa do fechamento dos grupos sociais em universos de comunicação específicos, em nome da defesa de sua especificidade, é uma atitude que impede a troca e o diálogo entre as diferenças sociais e culturais. Sobretudo num mundo globalizado, em que as diferentes culturas estão cada vez mais se misturando de formas complexas, sendo quase impossível definir de forma clara as fronteiras das diferenças. De acordo com este autor, na contemporaneidade, "em vez de se separarem em unidades emolduradas, em espaços sociais com limites definidos, as abordagens seriamente distintas da

vida estão se misturando em espaços mal definidos, espaços sociais cujos limites não têm fixidez" (2001, p. 83)

Entretanto, para o autor, o conhecimento da existência dos outros grupos é fundamental para evitar o isolamento e o conflito entre culturas ou grupos sociais distintos (GEERTZ, 2001). Desse ponto de vista, para se julgar com largueza é preciso enxergar com largueza e, para isso, é necessário aprender a entender o outro, sem tratá-lo com indiferença ou crítica.

Ao analisar o caso dos surdos e das estratégias para sua inclusão social dessa perspectiva, pode-se fazer uma reflexão crítica sobre a defesa que alguns fazem de uma política de segregação, através da afirmação de que possuem uma cultura surda. É importante considerar que, se os surdos possuem uma língua própria, nem por isso o conjunto de seus códigos e valores são tão específicos assim. Eles certamente compartilham vários significados da cultura ouvinte, que vão da religião a interesses econômicos e políticos, passando por hábitos de consumo e lazer. Se não fosse isso não estariam, inclusive, reivindicando um acesso mais satisfatório ao consumo de mensagens audiovisuais. Não há, portanto, como distinguir uma cultura surda de uma cultura ouvinte a não ser, mais especificamente no que se refere à língua predominante na comunicação de cada um desses grupos e os aspectos que resultam diretamente dessa diferença no modo de comunicação. Clifford Geertz, em seu artigo, argumenta que não é pelo fato de nascer em um determinado universo, com códigos próprios, que uma pessoa deve se isolar nele, como se fosse impossível estabelecer um diálogo entre diferenças. Ao contrário, é não apenas possível como necessário para um mundo humano mais harmônico, que se busque conhecer o diferente, para que possa haver diálogo e uma maior aceitação da diversidade (GEERTZ, 2001).

Assim, dentro dessa perspectiva, a proposta de se criar um canal voltado exclusivamente para os surdos parece não ser a melhor solução para que possam ter uma vida

social mais integrada, participando como cidadãos da sociedade a que pertencem: no caso aqui estudado, o Brasil. Pelo contrário, tal medida, contribuiria para sua separação do contexto comunicacional mais amplo, promovendo seu distanciamento cada vez maior da cultura ouvinte. Com isso, a dificuldade já existente desse grupo de lidar com a língua portuguesa aumentaria significativamente, uma vez que ela deixaria de parecer tão necessária, agravando ainda mais seu isolamento e exclusão social.

Além disso, medidas como essa correm o risco de tirar o foco da necessidade de se fazerem mais investimentos em políticas cujos resultados poderiam promover uma inclusão mais efetiva. Entre elas, a de melhoria das condições de educação dos surdos no Brasil, ensinando-lhes a dominar o português, que parece ter importância central. Em primeiro lugar, é um direito dos surdos aprenderem esse idioma, que é o idioma de seu país, e isso facilitaria a suas vidas, como um todo, facilitando sua integração social. A ampliação de seu universo de comunicação solucionaria, inclusive, através das legendas, alguns dos obstáculos que os impedem de serem receptores plenos das mensagens audiovisuais. Apesar das dificuldades, é possível para os surdos aprender a língua portuguesa. E só quando detiver o domínio da palavra, base para as relações sociais, o surdo poderá de fato se sentir incluído na sociedade.

Provavelmente, outra mudança que poderá vir a facilitar a relação dos surdos particularmente com os conteúdos televisivos é o desenvolvimento da tecnologia da TV digital. Novas tecnologias podem vir a ser desenvolvidas para permitir ao surdo uma melhor interação com seus conteúdos. Como, por exemplo, a criação de um recurso que possibilite às janelas com intérprete de LIBRAS funcionarem como as legendas ocultas funcionam hoje, isto é, podendo ser ligadas e desligadas de acordo com o interesse do espectador. Outro desenvolvimento interessante seria a criação de um recurso que permitisse ao espectador surdo redimensionar essa janela, tornando-a maior ou menor, de acordo com a sua preferência.

Ao contrário das soluções que segregam, circunscrevendo os surdos a um universo de comunicação muito particular, com essas últimas os surdos passariam a ter mais opções de escolha e integração no universo de ouvintes como um todo e, nesse contexto, no público de receptores de meios audiovisuais.

## 5 CONCLUSÃO

A surdez é uma deficiência que envolve diretamente a comunicação através da linguagem oral. Desse modo, como uma alternativa à sua condição, os surdos passam a se comunicar, entre si, através da língua de sinais. Essa é a primeira língua do surdo, uma vez que é a única que ele pode desenvolver de forma natural. Mas, sendo a língua oral de seu país um instrumento básico central de interação social, o surdo passa a sentir a necessidade de adquirir esse segundo idioma, encontrando grandes dificuldades nesse processo.

A educação dos surdos no Brasil tem se mostrado insuficiente no ensino da língua portuguesa para esses indivíduos. De acordo com os pesquisadores dessa área, tal fato acontece por práticas pedagógicas incorretas no processo de educação dos surdos no Brasil. Uma das falhas mais apontada é a do desmerecimento da LIBRAS em relação à língua portuguesa, bem como o pensamento de que aprender uma língua consiste em conhecer o maior número de vocábulos dela. Um segundo problema está ligado à política de inclusão nas escolas, que determina a união de alunos com e sem deficiência numa mesma sala de aula sem que tenham aprendido o português corretamente. Tal fato passa a prejudicar o surdo, quando este é tratado como um ouvinte, não tendo uma pedagogia específica para suprir os seus déficits comunicacionais.

Sem ter um bom domínio do português, os surdos acabam tendo a sua relação com os meios de comunicação prejudicada, inclusive no audiovisual. Na internet, grande parte do conteúdo aparece em forma de texto escrito. Na televisão, a maioria dos programas que dispõem de algum recurso inclusivo utiliza a legenda oculta. E no cinema, só existe a legenda. Isto quer dizer que grande parte das informações que chega aos surdos, é transmitida em língua portuguesa escrita.



Por isso, os surdos entrevistados relatam as suas experiências com os meios audiovisuais, destacando o grau de compreensão dessas mensagens e a melhor solução para esse problema. Os militantes surdos ressaltam, no geral, a dificuldade do surdo com a língua portuguesa e o entendimento do que lhes é transmitido. Segundo eles, os recursos de inclusão dos surdos na relação com esses meios – a legenda e a janela com intérprete de LIBRAS – têm se mostrado insatisfatórios, quando presentes. Com isso, alguns deles sugerem a criação de um canal voltado especificamente para o surdo, como a melhor solução.

Entretanto, tal medida pode resultar numa atitude de segregação social e ser prejudicial para a relação do grupo, impedindo sua integração na sociedade. Como afirma Clifford Geertz, é preciso que os diferentes grupos que convivem numa sociedade não apenas se aceitem, mas também interajam e dialoguem, embora seja impossível superar suas especificidades. (GEERTZ, 2001).

Assim, entende-se que uma solução mais eficaz para a inclusão social dos surdos, como também de sua transformação em receptores efetivos dos meios audiovisuais seria o aprendizado e domínio da língua portuguesa por parte desse grupo. Para tanto seria necessário o incentivo à implementação de práticas pedagógicas nas escolas, que permitam ao surdo adquirir o português, possibilitando sua interação com o universo de ouvintes.

Essa pesquisa é apenas o início de uma série de trabalhos que precisam ser realizados para que se possa compreender de fato a relação dos surdos com a sociedade e os meios de comunicação, em especial aqueles que dependem fundamentalmente do sentido da audição. A luta dos surdos por justiça social e dignidade precisa da participação e apoio dos ouvintes, para juntos garantirem justiça e cidadania a todos.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS DEFICIENTES DE AUDIÇÃO. **Quem somos**. Disponível em:

<[http://www.apada.org.br/portal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=12&Itemid=26](http://www.apada.org.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=26)>. Acesso em: 21 out. 2008.

BARTH, Creice. Aquisição da Escrita de Sinais por Crianças Surdas através de Ambientes Digitais. **Novas Tecnologias na Educação**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 2, dez. 2007.

BASSETTE, Fernanda. Justiça determina mudanças na correção das provas no Piauí.

**Vestibular e Educação**, São Paulo, Set. 2006. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,AA1277150-5604,00.html>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

BRASIL. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamente as Leis n 10.048 e 10.098. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm)> Acesso em: 19 ago. 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em:<

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm)>. Acesso em: 19 ago. 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em:<

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 19 ago. 2008.

BRASIL. **Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008**. Institui o Dia Nacional dos Surdos.

Disponível em:< [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111796.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111796.htm)>. Acesso em: 01 nov. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. 2008. Disponível em:

<[HTTP://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2008.

CASTRO, Nelson Pimenta de. **Curso de Língua de Sinais Para Ouvintes - Nível 4/ Conversação**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2000.

\_\_\_\_\_. **[Opinião sobre a relação dos surdos com os meios de comunicação e outras questões que envolvem a surdez]**. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Leonardo Coêlho em 13 de agosto de 2008.

CENTRO DE INTEGRAÇÃO DE ARTE E CULTURA DE SURDOS. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ciacs.org.br/historico.htm>>. Acesso em: 21 out. 2008.

COÊLHO, Leonardo Alves et al. **Surdez e Comunicação: uma pesquisa antropológica**. 2006. 36 f. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na Disciplina Comunicação

e Antropologia, Escola de Comunicação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CONFORTO, Simone. **Ser surdo: um estudo das representações sociais produzidas por jovens surdos**. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, Augusto. **Cenário do Closed Caption no Brasil: panorama geral, utilizações, tecnologias e casos**. 2008. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, A.T. e JUNQUEIRA, R.D. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

ECO, Umberto. **Guerrilha Semiológica**. In: \_\_\_\_\_. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984, p. 165-175.

FARIAS, Gisele Machado; FRONZA, C. A. . Aquisição da língua portuguesa escrita por crianças surdas. In: Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, 7, 2006, Porto Alegre. **Livro de Resumos**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Disponível em: <[http://www.entrelinhas.unisinos.br/\\_include/imprimir\\_artigo.inc.php?e=5&a=26](http://www.entrelinhas.unisinos.br/_include/imprimir_artigo.inc.php?e=5&a=26)>. Acesso em: 19 ago. 2008.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.feneis.com.br/page/historico.asp>>. Acesso em: 21 out. 2008.

FINAU, Rossana. **Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística**. In: QUADROS, Ronice M. de. (org.). Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

FREITAS, Luiz Carlos. **A internet como fator de exclusão do surdo no Brasil**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2007.

GEERTZ, Clifford. **Os usos da diversidade**. In: \_\_\_\_\_. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.68-85.

GRASSE, Rosana. **[Opinião sobre a relação dos surdos com os meios de comunicação e outras questões que envolvem a surdez]**. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Leonardo Coêlho em 20 de agosto de 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=22&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1>>. Acesso em: 19 out. 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **O que fazemos**. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/Paginas/oquefazemos.asp>>. Acesso em: 20 out. 2008.

LEBEDEFF, T. B.. Análise da compreensão textual de surdos adultos de textos em língua de sinais e escritos. In: Reunião da ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: ANPED, 2003.

LIMA, Maria do S. C.. Algumas considerações sobre o ensino de português para surdos na escola inclusiva. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna**, Ano 3, n. 5, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/escolainclusiva.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2008.

MACHADO, Paulo César. **Integração / Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo**. In: QUADROS, Ronice M. de. (org.). Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

MIRANDA, Thaís de Castro. **Comunicação e Inclusão**: Uma proposta para a ONG Urece Esporte e Cultura para Cegos. 2007. 70 f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Claudete. TV quase acessível: Legenda oculta permite a surdos e pessoas com deficiência auditiva assistir programas, mas precisa melhorar sincronização ao vivo. **Feneis**, 2008. Disponível em: <[http://www.feneis.com.br/page/noticias\\_detalhe.asp?categ=1&cod=659](http://www.feneis.com.br/page/noticias_detalhe.asp?categ=1&cod=659)>. Acesso em: 19 jul. 2008.

RAMOS, Clélia Regina. **Língua de sinais e Literatura**: uma proposta de trabalho de tradução cultural para os surdos. 2001. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

RANGEL, Miriam. **[Opinião da presidente da APADA sobre a relação dos surdos com os meios de comunicação e outras questões que envolvem a surdez]**. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Leonardo Coêlho em 09 de setembro de 2008.

REIS, Ana Maria. **[Opinião sobre a relação dos surdos com os meios de comunicação e outras questões que envolvem a surdez]**. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Leonardo Coêlho em 22 de agosto de 2008.

REIS, Geraldo. **[Opinião sobre a relação dos surdos com os meios de comunicação e outras questões que envolvem a surdez]**. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Leonardo Coêlho em 22 de agosto de 2008.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. . Convite a uma revisão da pedagogia para minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdos. **Espaço**, Rio de Janeiro, n. 18/19, p. 87-92, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **O projeto de pesquisa e seus passos**. In: \_\_\_\_\_. Comunicação e Pesquisa. São Paulo: Hacker, 2002. p.151-189.

SILVEIRA, Carolina H. **O currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda**. In: QUADROS, Ronice M. de. ; PERLIN, Gladis (org.). Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

STROBEL, Karin L.; FERNANDES, Sueli. **Aspectos lingüísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/ SUED/ DEE, 1998.

THOMPSON, John B.. **A mídia e a modernidade**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008

VELOSO, A. C. S.. Alfabetização de Surdos: Primeiro em LIBRAS ou em Português. In: Congresso de Leitura do Brasil, 16., 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: COLE, 2007.

## **APÊNDICE A– ENTREVISTA COM ROSANA, 28 ANOS**

### **VIDA:**

Eu nasci ouvinte, no Rio de Janeiro. Aos 3 anos de idade tive meningite e a minha família percebeu que eu havia me tornado surda.

### **VIDA ESCOLAR:**

Primeiro eu estudei em escola normal, junto com os ouvintes. Os colegas de classe sempre zombavam de mim por eu ser surda. Naquela época isso era pior do que é hoje. Mas, já naquele tempo comecei a ter coragem para enfrentar os que zombavam de mim e me defendia deles, exigindo respeito.

Fui aos 11 anos para o INES e lá pude aprender mais LIBRAS, já que o foco lá é LIBRAS como L1 (língua principal). Lá também pude conhecer muitos surdos, aprender mais LIBRAS e assim, abri meu horizonte. Me formei no INES com 20 anos de idade.

Eu fiz parte hoje da oficina de Teatro do INES, onde conheci o Nelson Pimenta. Depois, entrei no grupo de teatro do Nelson (Teatro Brasileiro de Surdos), onde estou até hoje.

Eu entrei para a faculdade de fisioterapia na Universo em Niterói, mas tive dificuldades de conseguir intérprete. E mesmo depois que consegui um, ele não tinha postura profissional, sempre faltava e isso era um problema. Aí, resolvi desistir da faculdade, por causa disso. Entrei, então, num curso de massoterapia. Eu tinha vontade de fazer faculdade de teatro, mas aqui no Brasil é complicado, porque tudo é inclusivo e não daria certo fazer faculdade de teatro com ouvintes. Ainda mais que eu não falo, por ser surda. Aí, acabei deixando isso de lado. Até que entrei para a faculdade de Letras LIBRAS que é à distância pela UFSC, com pólo no INES. Eu estou amando o curso, principalmente por ser voltado especificamente para o surdo: textos em LIBRAS, foco na Cultura Surda etc.

Hoje eu trabalho com massoterapia e drenagem linfática, atendendo a domicílio. Além de ensinar LIBRAS a ouvintes. Eu também participo do TBS (Teatro Brasileiro de Surdos) e ajudo na divulgação do CIACS, já que o TBS está dentro do CIACS agora.

Participo do CIACS como militante surda, lutando pelos direitos do surdo na sociedade, disponibilizando cursos para surdos e crianças surdas.

### **AMIZADES:**

Eu tenho mais amigos surdos, pois na minha opinião os surdos precisam estar sempre unidos. Mas, também tenho amigos ouvintes. Já até namorei 2 ouvintes. Eu sempre pensava em namorar surdos, porque iria namorar alguém com a mesma comunicação, mesmo sentimento. Porém, acabei me apaixonando por ouvintes e namorei com eles. Mas, já namorei um surdo também.

A relação com amigos surdos e ouvintes é um pouco diferente, pois os surdos têm cultura diferente, ou seja, mais visual. As piadas contadas por ouvintes, às vezes nós não entendemos. Da mesma forma que as piadas dos surdos muitas vezes não são entendidas pelos ouvintes. Temos essas diferenças mais culturais: coisas que falamos, jeito que falamos, que o ouvinte pode interpretar mal.

**PRECONCEITO:**

Hoje o preconceito é menor, mas há ainda, como os salários menores para os surdos, as pessoas que pensam que o surdo é incapaz. Isso não pode continuar, precisa mudar! Outra coisa são os ouvintes tomando o lugar de trabalho dos surdos, como os professores de LIBRAS ouvintes. Eu não entendo por que eles ensinam uma língua que não é deles, e sim, do surdo. Eu acho isso errado. O surdo precisa ser mais respeitado. Antes era pior, mas hoje por ter mais informação e leis, as coisas melhoraram muito.

**REIVINDICAÇÃO DOS SURDOS:**

A maior reivindicação do surdo hoje é a luta por respeito na sociedade, no trabalho, como eu já disse antes. O surdo precisa se proteger. Precisamos pensar nas crianças surdas para que elas consigam crescer longe dessa "colonização" dos ouvintes.

**PORTUGUÊS X LIBRAS:**

O Português tem outra estrutura, diferente da LIBRAS. Por exemplo, na Língua Portuguesa tem metáforas, que não tem como ser traduzidas para LIBRAS. Assim como as músicas e poesias, que também não podem ser traduzidas ao pé da letra, da mesma forma como na Língua Inglesa há palavras que não tem tradução direta para a Língua Portuguesa.

**SURDO E O PORTUGUÊS:**

Muitos surdos têm dificuldades com a Língua Portuguesa, pois esta é a nossa segunda língua. Da mesma maneira que a maioria dos ouvintes também não sabe LIBRAS. E também, aqui no Brasil não há uma metodologia eficiente para ensinar o Português ao surdo. Nem sempre a culpa é do professor, já que falta aqui no Brasil pesquisas para desenvolver um ensino melhor da Língua Portuguesa aos surdos.

**CULTURA SURDA:**

A Cultura surda se resume no visual. A visão do ouvinte é diferente do sentido da visão do surdo. O surdo se organiza em círculo, se expressa mais. O surdo explora mais o visual para suprir o sentido que lhe falta. Também faz parte da Cultura Surda o ato de chamar por gestos, acender a luz para chamar atenção, a campainha com luz, ou seja, identidade surda.

**INCLUSÃO:**

A inclusão é horrível, porque o desenvolvimento da criança surda se dá por fases, e com a inclusão, ela perde a qualidade em LIBRAS, perde o desenvolvimento da cultura e da identidade surda. Na hora do recreio, por exemplo, os ouvintes ficam conversando e o surdo é deixado de lado. Ou então, fica com o intérprete sempre no pé dele, como se fosse sua mãe. Outro fato é que a grade curricular do aluno surdo é composta por disciplinas próprias do ouvinte. E o surdo? Onde fica? O que acontece é que o surdo acaba ficando sem poder de liderança dentro da escola inclusiva. Não pode dar sua opinião, por estar cercado de ouvintes, sendo a minoria.

A inclusão é uma exclusão porque o surdo é minoria e acaba sendo deixado de lado. Por exemplo, em trabalhos em grupo, o surdo fica com a menor parte, sem poder dar muito sua opinião. Para mim, inclusão na escola não existe!

O governo não pensa no surdo. Nós precisamos lutar para conseguir os nossos direitos. Nós fazemos propostas e encaminhamos para o governo, mas eles demoram para analisar e resolver essas questões.

### O SURDO E A COMUNICAÇÃO:

O Brasil tem problemas de comunicação, como por exemplo, na internet. Temos webcam, mas a transmissão é sem qualidade, é lenta. No MSN é complicado também na conversa de vídeo, pois falta qualidade. Quanto à conversa de texto, o surdo não gosta de escrever, o surdo gosta do que é visual.

Falta mais tecnologia própria para o surdo! Isto é, voltada mais para o visual. Agora, surgiu um celular que permite vídeo conferência. Isso já é um avanço para o surdo, é muito bom, mas o aparelho é muito caro, impossibilitando o acesso do surdo ao mesmo.

### LEGENDA:

Falta muita legenda. E também precisa ter mais surdos trabalhando na mídia. Há falta também de intérpretes para crianças surdas. Às vezes, a criança surda gosta de ver TV, mas não entende porque é tudo falado. Aí ela tem que pedir para um ouvinte explicar a ela e ele resume o que está acontecendo na TV para ela entender um pouco. Assim, há uma perda. Como também, nós, surdos adultos, às vezes acontece algo importante e ficamos sem saber o que ocorreu porque não tinha legenda ou intérprete na TV.

A legenda ajuda, mas depende do filme, se o filme for muito difícil de entender ou mais fácil. Mesmo com a legenda não dá para entender perfeitamente, mas dá para entender a situação. A legenda é própria do ouvinte. Faltam mais legendas. São muito poucos programas com legenda.

### INTERNET:

A internet também é muito textual. Precisa ser mais voltada para o surdo. Precisa ter bilingüismo: texto em Português mais vídeo em LIBRAS. A internet precisa ser mais visual, mais interativa, ter mais imagens, para o surdo poder entender melhor. É preciso haver um equilíbrio. Alguns surdos acabam se afastando da internet por ser muito textual. Precisa ser mais visual!

### RELAÇÃO COM A TV:

Eu assisto TV mais ou menos. Eu vejo mais novela. Vejo "A favorita" porque tem legenda. Faustão por exemplo não tem legenda, mas eu gosto de ver. Se não tem legenda e eu tento ver, dá para entender um pouco, mas é bem complicado, é difícil de entender.

### SOLUÇÃO:

A solução seria ter um canal próprio para o surdo, pois tudo o que é feito hoje é focado no ouvinte. Não dá para entender muito a legenda. Acho que dá para entender 70 ou 60% . O melhor é ver TV com legenda, acompanhado de outro surdo, que dá para comentar, discutir e entender melhor.

### CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS PROGRAMAS COM LEGENDA:

O surdo tem o direito de ter acesso a tudo! Por isso acho errado ter um critério de seleção dos programas com closed caption. Não sei no que é baseado, mas acho que tudo tinha que ter legenda.

### LEGENDA X JANELA COM INTÉRPRETE:

Acho que depende do surdo, se ele entende melhor a legenda ou não. Acho que deveríamos ter duas opções: legenda ou intérprete, cabendo a escolha a nós. Sendo que a janela precisaria melhorar. Precisamos de uma melhor solução para esse problema. É preciso pensar num jeito



melhor dessa janela de intérprete. A janela precisa ser mais visual. Talvez, maior, mas com mais interação.

O surdo precisa ter mais opção, poder escolher o que gosta mais: a legenda ou a janela com intérprete. Seria melhor se tivesse uma adaptação, pois somos mais visuais e ao ver uma novela, por exemplo, é importante mostrar mais de onde vem o som (indicação do som).

#### CINEMA:

Eu amo cinema! Vou ao cinema de vez em quando com meus amigos. Eu gosto de cinema porque é muito visual.

Eu acho que o surdo precisa trabalhar mais no cinema, como nos EUA. Aqui tem muito pouco surdo no cinema. Tanto na atuação como na produção, tudo no cinema deveria ter mais surdos envolvidos.

#### FILME NACIONAL:

Filme brasileiro sem legenda não dá para entender. No Brasil, o filme é lançado sem legenda, aí eu não vou assistir. Eu espero sair o DVD, que vem com legenda, e alugo. Isso é uma falta de respeito com o surdo. O filme precisa ter legenda logo quando é lançado.

#### INDICAÇÃO DE SOM NAS LEGENDAS:

Geralmente o surdo entende o que aconteceu depois do ouvinte nos filmes sem indicação de som nas legendas. É comum, os ouvintes rirem e o surdo perder o que aconteceu por causa do som. Acho que isso contribui para a dificuldade de compreensão do filme.

Os próprios surdos precisam trabalhar nesses meios, eles precisam ser mais visuais.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Precisamos lutar contra a inclusão! O surdo precisa ter mais espaço na sala de aula! O surdo precisa ter sala de aula própria. Junto dos ouvintes, o surdo não consegue se expressar de verdade, por completo. Sempre é metade! O ouvinte sempre toma o lugar do surdo, coloca o surdo à margem. Isso não pode continuar!

## APÊNDICE B- ENTREVISTA COM NELSON, 44 ANOS

### VIDA:

Eu nasci surdo, em Brasília. Tenho 4 irmãos, sendo um deles surdo também. Meu avô é surdo, tenho ainda um primo surdo e 3 tios surdos.

Estudei lá em Brasília numa escola só para surdos até a 4a série. Depois fui para São Paulo, onde estudei em escola oralizada, que misturava surdo e ouvinte na mesma sala de aula. Eu não gostava, me sentia angustiado. Até que fui para o INES e pude conhecer muitos surdos, adorei! Lá eu fiz parte do grupo de teatro de surdos. Depois disso fui para os EUA e fiquei um ano lá. Voltei e fiz faculdade de Cinema na Estácio.

### PRECONCEITO:

Não sentia muito preconceito enquanto criança, porque cresci em família com surdos, todos sinalizando. Quando cresci, percebi que há muito preconceito com os surdos. Por exemplo, sofria preconceito na faculdade: falta de paciência dos professores, dos colegas na hora dos trabalhos em grupo.

### MILITANTE SURDO:

Eu sempre participo das lutas pelos direitos dos surdos. Estou envolvido no CIACS, que luta por direitos de inclusão do surdo na sociedade.

Hoje os surdos têm mais direitos que antes, como intérpretes na faculdade, direito à escola especial (só surdo, porque surdo e ouvinte juntos na sala de aula não dá certo!). Porque o surdo precisa crescer e aprender a cultura surda, a identidade surda primeiro, para depois se misturar com o ouvinte. A inclusão na educação não é boa, mas no dia-a-dia é ótimo para o surdo poder se relacionar com os ouvintes.

### CULTURA SURDA:

Cultura surda é ter uma língua própria (LIBRAS), ter um grupo. A cultura surda é muito diferente da ouvinte. É um assunto bem amplo, levaríamos horas falando sobre isso (e me sugeriu um livro que trata desse assunto especificamente: "As imagens do outro sobre a cultura surda" de Karin Strobel).

### SURDO E O PORTUGUÊS:

O problema está nos professores que não sabem LIBRAS. Eles ensinam o Português sem saberem LIBRAS. O surdo é ensinado por uma pessoa que não tem conhecimento da própria língua do surdo.

### SURDO E A INTEGRAÇÃO NA SOCIEDADE:

A integração do surdo na sociedade está razoável. Bem melhor que antes, pelo menos.

### INTERNET:

O surdo vê as coisas de forma diferente. Por isso, a internet não é inclusiva, uma vez que o surdo precisa de uma internet direcionada a ele, ao seu jeito de ver o mundo. Ou seja, a internet precisa ser mais visual, com LIBRAS. Não queremos nada "especial" e sim visual. No caso, os textos na internet poderiam ser em LIBRAS (nesse momento ele me mostrou um exemplo de um site que seria ideal para ele: o site da faculdade à distância de Letras LIBRAS, no qual todo texto em português é acompanhado de um vídeo com o mesmo conteúdo em LIBRAS).

**SURDO E TV:**

Acho que no momento de lazer, o surdo não deveria ter que lançar mão da Língua Portuguesa, e sim, da LIBRAS. No colégio tudo bem, mas na hora de se divertir, como na TV, não!

Seria melhor se tivesse um canal voltado para surdos.

Gosto de ver TV. Eu assisto às vezes, depende da hora. Gosto de ver novela porque tem muita movimentação. Mas só assisto as que têm legenda, porque sem legenda é impossível entender. Mesmo com a legenda, tem palavras que não dá para entender. Por isso, acho que a legenda é importante, já que ajuda o surdo a entender.

**SURDO E O PORTUGUÊS:**

Hoje são poucos os programas que tem legenda. Tem a lei já, mas só poucos programas.

O problema não está na legenda, e sim, nos professores que ensinam o Português ao surdo.

Por isso, que não sou a favor da legenda ter uma linguagem mais simples. Os professores de Português para surdos é que devem ser mais bem preparados. Eles precisam ser qualificados para isso.

**LEGENDA:**

A legenda só ajuda, embora não seja ideal. E a janela com o intérprete é muito pequena. Fica tudo muito confuso, não dá para entender nada direito. Mas, o ideal seria que a sinalização fosse na tela toda, tudo fosse em LIBRAS. (risos) Agora, você pensa numa criança surda. Ela não sabe ler para entender as legendas. Como ela faz? Isso é muito complicado. A criança surda fica de fora da televisão. (ele mostrou um desenho animado em GESTUNO, uma Língua Internacional de Sinais, que não chega a ser uma Língua por não possuir gramática própria, mas é muito utilizada em conferências internacionais de surdos).

**COMPREENSÃO DAS LEGENDAS:**

Eu acredito que a maioria dos surdos no Brasil não consegue entender as legendas. O motivo é o problema no ensino.

**CINEMA:**

Eu adoro cinema. Vou muito. Gosto mais de filmes de ação, pois tem mais movimentação e pouco diálogo. Diálogo demais cansa!

**FILME NACIONAL:**

Filme nacional só no CCBB com legenda. Mas até chegar ao CCBB, o filme já tá velho. Em alguns casos, se o filme for muito bom, eu vou ao cinema com algum ouvinte que vai traduzindo aos poucos para mim, me explicando o filme.

**INDICAÇÃO DO SOM NAS LEGENDAS:**

Dependendo de como o diretor do filme faz os planos, a legenda sem indicação de sons pode ser melhor compreendida. Por exemplo: cena de alguém batendo na porta. Se mostrar a pessoa batendo na porta, dá para entender. Ou cena de telefone tocando, que mostra o telefone. Mas, muitas vezes isso não acontece e aí fica difícil e não dá para entender.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Eu penso que o surdo precisa entrar na TV (emissoras de TV) e fazer parte dela. Só assim vai haver inclusão!

## **APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O CASAL ANA MARIA, 59 ANOS E GERALDO, 57 ANOS**

### **VIDA:**

Ana Maria (A): Tenho muitos amigos surdos, na verdade, mais conhecidos do que amigos, porque amigos de verdade são poucos. A maioria dos meus amigos é surdo por causa da comunicação.

Geraldo (G): Eu nasci ouvinte, e por isso tinha mais amigos ouvintes. Depois, quando fui para o INES, pude conhecer mais surdos e acabei fazendo mais amigos surdos.

### **PRECONCEITO:**

G: O preconceito antes era pior, hoje está bem melhor, mas ainda existe. Agora, as pessoas têm mais conhecimento, têm leis agora protegendo o surdo, por isso acho que melhorou, mas mesmo assim ainda tem preconceito por aí.

### **PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SURDOS:**

G: Eu participava de movimentos surdos em São Paulo e Itaboraí. Também já fui do Conselho da Deficiência em Niterói, que tinha um representante de cada deficiência. Lá eu inventei o semáforo para pedestres com a indicação dos segundos restantes para o sinal abrir.

A: Eu participo mais de palestras e eventos, mas na maioria sobre a Igreja Católica.

### **O QUE O SURDO MAIS PRECISA HOJE:**

G: O que o surdo mais precisa no Brasil hoje é de trabalho.

A: É verdade. O surdo precisa se formar para conseguir emprego.

### **LIBRAS X PORTUGUÊS:**

G: São totalmente diferentes!

A: LIBRAS, por exemplo, não tem artigos e preposições. É uma língua mais curta.

### **SURDOS E O PORTUGUES:**

G: A maioria dos surdos sabe mais LIBRAS e pouco Português. Porque LIBRAS é mais visual, faz parte da vida do surdo. A maioria dos surdos tem problemas com a Língua Portuguesa, inclusive eu. Nunca o surdo é perfeito em Português. Até ela (aponta para a esposa) que é muito boa com a Língua Portuguesa tem algumas dificuldades. Acho que a culpa do surdo não saber bem o Português é do ensino que eles recebem. O ensino está muito ruim! O surdo precisa de escola integral, precisam ensinar mais, cobrar mais do surdo na escola. Mas, o professor tem pouco tempo para ensinar. Falta amor por parte do professor para que ele ensine bem. Além disso, o professor ganha pouco, e acaba ensinando pouco também.

### **CULTURA SURDA:**

A: É mais LIBRAS e legenda!

G: O surdo é mais visual, usa mais meios de comunicação visuais (campanha com luz).

Manda mensagem de texto com o celular, usa e-mail. Agora, tem até celular 3G, com vídeo, mas é muito caro. Temos tecnologia, mas não temos acesso à ela. É muito caro! Não podemos pagar!

### **INCLUSÃO:**

A: Acho a inclusão boa, por causa da interação do surdo com a sociedade!

G: Eu já sou totalmente contra a inclusão, porque é pior para o surdo. O surdo precisa de um professor que saiba sinalizar e que se foque no aluno surdo. O intérprete na sala de aula pode cortar palavras, e aí o surdo perde com isso.

#### MEDIDAS DO GOVERNO PARA INTEGRAR O SURDO NA SOCIEDADE:

G: O governo se esquece do surdo para integrá-lo na sociedade.

A: O governo não dá nenhuma atenção para os surdos.

#### RELAÇÃO COM A TV:

G: O surdo entende um pouco o que passa na televisão, por causa da expressão facial.

A: A TV é difícil para o surdo.

#### SURDO E INTERNET:

G: Eu acho que a internet inclui o surdo, porque tem webcam, por exemplo, que permite ao surdo conversar de forma bem visual. Mas também é complicado para o surdo, pois tem muito texto e também muita coisa em inglês.

#### LEGENDA TV E CINEMA:

A: Sim sempre assistimos TV e filmes legendados. Se a novela tem legenda é ótimo, se não tem é péssimo! Mesmo assim, se não tiver legenda e eu gostar da novela, eu leio o que vai acontecer numa revista dessas sobre novela e assisto depois, já sabendo o que está por vir.

#### SOLUÇÃO:

G: Para mim a solução para esses meios se adequarem ao surdo, seria continuar com as legendas, mesmo com a maioria dos surdos tendo dificuldades com o entendimento da legenda. Ou então, seria bom se aumentassem o tamanho da janela com o intérprete.

#### PROGRAMAÇÃO COM LEGENDA:

A: A programação tem mais filmes com legenda. Eu acho isso bom! Acho que precisa melhorar só com relação às novelas, porque só tem uma novela com legenda. A legenda poderia estar em mais programas, inclusive os infantis. Como uma criança surda vai ver TV sem intérprete? Não tem programa nenhum para as crianças surdas.

#### LEGENDA X JANELA:

A: Acho a legenda boa assim do jeito que está. Sou contra a simplificação da legenda. Quanto à janela acho que ela é mais fácil para o entendimento da maioria dos surdos, mas é muito pequena. Por isso, e prefiro a legenda, porque a janela é tão pequena que não dá para entender nada direito. Embora, eu acredite que a maioria dos surdos deve preferir a janela com intérprete.

#### CINEMA:

A: Eu gosto de cinema, mas vou com pouca frequência. Só gosto de filme quando ele é bom, quando tem atores bons. Não gosto de qualquer filme.

#### FILME BRASILEIRO E A LEGENDA:

A: Se não tem legenda no filme brasileiro eu nem vou ao cinema assistir. Agora, se tiver legenda, eu vou.

**INDICAÇÃO DO SOM:**

A: É mais difícil entender o filme quando ele não tem a indicação do som. Essas indicações são muito boas. Dependendo da história do filme dá para entender ou não se não tiver a indicação do som.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A: Acho que seria bom se tudo tivesse legenda, mas é muito caro para produzir essas legendas na televisão. Acho que é mais caro do que a legenda de cinema. Mas, o surdo precisa continuar a lutar para conseguir seus direitos!

## **APÊNDICE D – ENTREVISTA COM MIRIAM RANGEL, PRESIDENTE DA APADA**

### **EVOLUÇÃO PARA OS SURDOS:**

Tivemos um avanço muito grande principalmente no Cinema e na Televisão. Tenho uma filha surda e pude sentir com ela toda essa evolução. O mundo passa por evoluções e essa geração é privilegiada. A minha geração foi de crescimento, e vi as mudanças ocorrendo. Hoje, já mudou! No cinema, a maior mudança ocorreu nos filmes nacionais, que já são todos legendados. O surdo já tem acesso a esses filmes, graças ao CCBB, que faz a exibição e filmes nacionais legendados. Antes somente os filmes mais antigos do cinema mudo eram voltados para o surdo. Os surdos tinham loucura de assistir os filmes nacionais.

### **LEGENDA NA TV:**

Na TV há o closed caption em vários programas, especialmente no Jô Soares, que os surdos pediram muito que tivesse legenda. Eles são fãs do Jô Soares e queriam assisti-lo.

### **MEIOS DE COMUNICAÇÃO:**

Já com o telefone, o surdo não tinha a menor condição de utilizar esse meio. Até que surgiu o TDD em 1978, depois o FAX, que também é muito bom para o surdo, mas tem a demora da espera, em relação ao TDD. Depois, com os celulares e os torpedos foi uma maravilha. Hoje, praticamente todo surdo tem celular.

Há também a central que atende os surdos, recebendo as mensagens pelo TDD e passando para onde quer que o surdo queira falar. A telefonista passa a mensagem do TDD para o telefone convencional e vice-versa.

Hoje o surdo pode se comunicar facilmente. Por exemplo, o celular está muito barato.

### **PROBLEMAS DO SURDO COM O PORTUGUES:**

O português do surdo é um "português dinâmico", ou seja, eles querem apenas passar uma mensagem. Minha filha, por exemplo, foi evoluindo aos poucos no português. Começou com: "Mãe, casa Rosana vou"; depois "Vou cinema Rosana". E foi evoluindo cada vez mais. E é assim com os outros surdos. Eles vão evoluindo em sua linguagem aos poucos. Até mesmo com uma palavra já dá para passar uma mensagem.

### **LIBRAS:**

Outra grande importância, foi a oficialização da LIBRAS. Na época da minha filha, LIBRAS era proibida. Não era permitido fazer uso dos sinais na escola. Minha filha quando chegou no INES, ficou abismada com a quantidade de surdos sinalizando. Ficou logo entusiasmada para aprender. Hoje, ela diz que a vida dela tem duas partes: antes e depois do sinal. Para ela é muito mais difícil compreender o mundo sem os sinais. Tudo o que é passado para os surdos através dos sinais é muito mais assimilado do que por outro meio (texto ou oral). É uma outra captação, que é ótima para os surdos.

Essa Lei da LIBRAS foi oficializada por Fernando Henrique e depois regulamentada pelo Lula. Essa lei abriu um campo para os ouvintes também: os intérpretes, que ganham muito bem. Mas, hoje não temos muitos intérpretes bons, e isso é um problema para os surdos. Tem também o PRÓ-LIBRAS, que certifica a proficiência em LIBRAS, aumentando as chances do surdo de ingresso no mercado de trabalho, uma vez que as faculdades procuram muito por esses surdos capacitados. Também os intérpretes certificados são procurados pelas universidades. Aqui na APADA temos a Central de Intérpretes, com convênio com a Prefeitura, atendendo em Delegacias, Rodoviárias, Hospitais etc.

As línguas de sinais de outros países são diferentes entre si, mas é possível ao surdo compreender um pouco. Minha filha foi aos EUA e conseguiu se virar sozinha. Lá os guardas de trânsito todos sabem a Língua de Sinais e isso ajudou muito ela.

A maior barreira para o surdo é a comunicação. E esta é uma das piores barreiras.

#### INCLUSÃO:

Eu sou muito radical sobre esse assunto. Eu acho que falta muito para a verdadeira inclusão. Há um tempo atrás me pediram a opinião sobre um anúncio a respeito da inclusão e eu critiquei tanto que tiraram do ar. A inclusão não funciona! O grande número de alunos por turma complica para a inclusão acontecer de fato. A inclusão do jeito que é não dá! É preciso que o professor saiba LIBRAS, que ele tenha um auxiliar e que as turmas sejam no máximo de 30 alunos. Tanto que agora, nas escolas estaduais, estão voltando ao que era antes da inclusão, com as salas de reforço.

Aqui na APADA temos crianças surdas, surdo-cego, surdos com paralisia cerebral, e sendo esta com leve deficiência mental. Temos filhos ouvintes de pais surdos, que ficam aqui apenas meio turno. Aqui temos poucas crianças e muitos profissionais, pois as crianças precisam de atenção. Cada um tem uma necessidade de atenção, como por exemplo, as crianças com caso de refluxo.

#### LIBRAS X PORTUGUES:

Vale lembrar que existe o Português sinalizado e a LIBRAS. LIBRAS é mais sintética e o surdo consegue entender muito mais. Aqui na APADA quero fazer um curso de Português só para surdos adultos. O surdo não lê! A minha filha, por exemplo, tem uma carga literária muito grande, pois desde pequena foi incentivada a ler e discutir sobre os livros. Fazíamos sempre debates sobre livros lá em casa. Aqui na APADA já temos uma sala de leitura voltada para as crianças surdas, para que elas possam ler, debater e serem incentivadas à leitura. O surdo não tem hábito de ler, e é por isso que eu quero muito fazer esse curso de Português para os surdos adultos. A dificuldade do surdo com o Português se dá pela falta de leitura. A dificuldade do surdo é não ler! Se o surdo tiver aulas boas de português, se ele conhecer bem a Língua Portuguesa, ele vai se sair bem nas outras disciplinas escolares. Entendendo o Português bem o surdo tem sua vida facilitada.

#### LEGENDAS E COMPREENSÃO:

Há sim uma discussão dos surdos sobre essa questão da compreensão das legendas. Agora tem o CIACS, que promove reuniões em grupo no CCBF para discutir sobre legendas. A ARPEF também foi muito importante para as legendas na TV. Há hoje também, a luta dos surdos por legendas em filmes nacionais.

#### CLOSED CAPTION NA PROGRAMAÇÃO:

Hoje o próprio surdo pode falar por si. Antes, eu era representante deles. O surdo agora só precisa de um intérprete. Se o programa não tem closed caption, o próprio surdo reclama diretamente com a emissora e fazem o requerimento.

#### JANELA COM INTÉRPRETE X LEGENDA:

A janela com intérprete é tão falha! Eles precisam se preocupar com o fundo e a roupa do intérprete, para que fique bem destacado. Muitas vezes as mãos se confundem com a roupa. É complicado isso. Além disso, é tudo muito pequeno, não dá para entender bem. A legenda funciona muito mais. Mas, acho que a janela maior também seria muito bom. Como no



programa da Prefeitura do Rio que tem uma janela bem maior. Assim dá para entender bem melhor.
































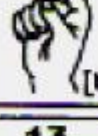
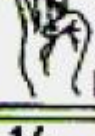













#### **CRIANÇAS SURDAS E TV:**

Já têm muitos livros de historinhas produzidos para a TV, legendados para as crianças que já lêem. E têm também com intérpretes para as que não sabem ler ainda, contadas em LIBRAS de forma bem simples.

As crianças surdas gostam muito de desenho animado, mas eles não têm legenda nem janela de intérprete.

Aqui na APADA as crianças assistem vídeos especiais, acompanhados de profissionais que sabem LIBRAS.

## ANEXO A – CONFIGURAÇÕES MANUAIS

1	2	3	4	5	6	
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [5]	 [V]	
 [B̃]	 [Ā]	 [G <sub>1</sub> ]	 [Ĉ]	 [5 <sub>4</sub> ]	 [Ṽ]	
 [B <sub>u</sub> ]	 [A <sub>u</sub> ]	 [G <sub>u</sub> ]		 [š]		
 [B̂]	 [A <sub>h</sub> ]	 [G <sub>h</sub> ]		 [ŝ]		
7	8	9	10	11	12	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [3]	 [Y]	
 [Ô]	 [F <sub>f</sub> ]		 [Ĥ]	 [3̃]	 [Ÿ]	
 [bO]	 [F <sub>h</sub> ]		 [Ĥ̂]	 [3̂]	 [Ț]	
13	14	15	16	17	18	19
 [a]	 [K]	 [I]	 [R]	 [w]	 [L]	 [E]
 [a <sub>i</sub> ]	 [K <sub>d</sub> ]				 [U]	

## ANEXO B – ALFABETO MANUAL

